



# O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 20

JULHO-AGOSTO DE 1954

Nº. 4





**F**AREMOS Nós Melhor? O título inacabado "Por que os Ministros?" dum artigo reeditado do *Preacher's Magazine*, suscitou curiosidade, e assim lemos o seguinte: "Por que os ministros... não respondem às cartas que recebem? Se todos os ministros em menor ou maior grau culpados desta falta de cortesia dessem abandonar o ministério, tôdas as igrejas ficariam sem pastor".

Naturalmente, a Associação Ministerial não tomaria a sério esta sugestão extravagante; não obstante, prossigamos examinando as exasperações do autor acêrca dessa falta tão comum: "Nenhum ministro tenciona ser descortês, supomos, mas é costume quase generalizado êsse de os pregadores não responderem às cartas que recebem... A desculpa comumente apresentada é que andam ocupados demais. Mas, estarão realmente tão ocupados quanto pensam estar? Examinai-vos para ver em que estais ocupados. Raramente acontece que um pregador esteja tão ocupado que não possa dar resposta imediata aos seus missivistas".

Os pregadores jovens tecem-saídos dos nossos colégios e seminários hoje em dia, andam em busca de futuras espôsas que lhes datilografem tanto os sermões como as cartas. Fomos informados de que as espôsas devotas assumem a responsabilidade da correspondência corriqueira, inclusive com as cunhadas e cunhados. Parece que com muitos filhos de ministros jovens a atitude tem sido lavar as mãos quanto a tudo quanto cheira a correspondência, quando em realidade o bom costume e norma declaram ser imperdoável a sua negligência. As filhas e os filhos são devedores aos pais dêsse serviço, e os ministros devem ser líderes na verdadeira devoção familiar. Excelente treino é para o jovem usar uma máquina de escrever, mas o ponto capital é que o escrever cartas não se deve transformar numa arte perdida para o ministro.

Poderemos tanto apreciar quanto aprender muito do autor desconhecido que nos prova a consciência em nossos hábitos epistolares. O apêlo paternal do autor é: "Faremos nós Melhor, Irmãos?" — **LUISE C. KLEUSER**

**ENCONTRAR** Tempo. Em geral tratamos de encontrar tempo — e dinheiro — para fazer o que *queremos* fazer. Mediante o planejamento e organização cuidadosos do nosso tempo, também podemos encontrar tempo para fazer o que *devemos* fazer, e fazê-lo com comodidade.

Determinada manhã acontecerá, talvez, têrmos duas importantes e urgentes tarefas que exijam a nossa atenção. Porém o desempenho suave de tô-

das as atividades dum dia ou duma semana poderão depender daquilo que fizermos primeiro. Um pouco de meditação sempre nos ajudará a decidir qual é o mais importante.

O planejamento de nosso dia ou semana de trabalho, ou a formação duma simples lista de nossas várias tarefas e obrigações, é sempre um bom plano. Cinco ou dez minutos de trabalho de lápis e papel cada manhã podem muitas vêzes economizar quilômetros de transporte e talvez uma hora, e mesmo mais, de tempo que viria transformar o dia todo numa correria de atividade desordenada e improfícua, sem contar a perda de energia nervosa.

Um pouco de planejamento sempre contribuirá para aliviar as tensões que freqüentemente se formam em nós ao permitirmos que se acumule certa quantidade de deveres desordenados. Muitas vêzes, ao fazermos uma lista dessas obrigações, e destacarmos apenas os itens que *precisam* ser feitos *hoje*, e então *decidirmos* quais dêles poderão ser deixados para amanhã, surpreendemo-nos ao verificar que não estávamos tão sobrecarregados como pensávamos estar. De fato, poderemos em realidade verificar que disporemos dum pouco de tempo para a necessária distração e, talvez, algum tempo para fazer uma ou duas tarefas que havíamos deixado para "amanhã".

Sômente o obreiro que começa o dia escolhendo para fazer, alguma coisa por mera sorte ou que lhe dê na veneta, é que sempre se queixa de ter trabalho demais. Outro obreiro, apenas com tomar uns poucos minutos de atento planejamento, organizará o seu trabalho e atravessará o dia suavemente, e muitas vêzes realizando duas vêzes mais que outro, e não obstante aparentando estar "folgado".

Se tendes sido uma dessas infelizes almas apressadas, por que não tomar tempo agora mesmo para organizar uma lista de tôdas as obrigações que vos estão desafiando? Escrevei-as em qualquer ordem, e depois *encarai-as* por uns momentos! Uma a uma, marcai as que *precisam* ser feitas *hoje*, e deixai sem marca as que bem poderão ser deixadas para amanhã, se não houver tempo para serem feitas hoje. Uma vez feita a decisão, ponde-vos a trabalhar. De tempo a tempo, durante o dia, conferi a vossa lista e riscai os assuntos já atendidos. Amanhã de manhã, fazei nova lista dos assuntos sobrados de hoje, e acrescentai os itens novos que tenham surgido. Trabalhai novamente. Dentro de um ou dois dias bem podereis ser uma pessoa surpreendida e aliviada! — Ben Glanzer.

**"O** SEGRÊDO do êxito não é encontrado nem em nossa erudição, nem em nossa posição, nem em nosso número ou nos talentos a nós confiados, nem na vontade do homem.

"Côscios de nossa deficiência devemos contemplar a Cristo, e por Êle que é a força por excelência, a expressão máxima do pensamento, o voluntário e obediente obterá uma vitória após outra.

"E por mais breve que seja o nosso serviço, ou mais humilde nossa obra, se seguirmos a Cristo com fé singela, não seremos desapontados pelo galardão.

"Aquilo que o maior e mais sábio não pode alcançar, o mais débil e mais humilde receberá." — *Parábolas de Jesus*, pág. 404.



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia  
Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Luiz Waldvogel  
Redator associado — Rafael de A. Butler  
Colaboradores especiais  
Walter E. Murray, Walter Schubert

**NOSSA CAPA**

Igreja Adventista de Ponta Grossa, Estado  
do Paraná.



ANO 20

Nº 4

**CONTEÚDO**

**DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

<i>Faremos Nós Melhor?</i> . . . . .	2
<i>Encontrar Tempo</i> . . . . .	2
<i>O Segredo do Êxito</i> . . . . .	2
<i>A Igreja Adventista de Ponta Grossa</i> . . . . .	3

**ILUSTRAÇÕES**

<i>A Vida, Mais do que a Morte</i> . . . . .	3
<i>O Salmo 23 dos Marítimos</i> . . . . .	20

**ARTIGOS GERAIS**

<i>Os Descobrimentos Modernos Confirmam a Bíblia — Parte IV</i> . . . . .	4
<i>A Definição de Heresia — Parte I</i> . . . . .	8
<i>O "Continuo" do Livro de Daniel</i> . . . . .	9

**EVANGELISMO**

<i>A Base do Evangelismo Adventista do Sétimo Dia</i> . . . . .	12
<i>Pode ser Feito!</i> , . . . . .	15
<i>As Multidões das Metrópoles</i> . . . . .	16

**MÚSICA**

<i>A Música nas Séries de Conferências Pequenas</i> . . . . .	17
---	----

**ESTUDOS BÍBLICOS**

<i>Isaias 65.20</i> . . . . .	18
<i>Conforto Para os que Têm Muitas Cargas</i> . . . . .	19
<i>Decisão em Prol de Cristo, Agora</i> . . . . .	20
<i>Os Três Aparecimentos de Cristo</i> . . . . .	20

**A Igreja Adventista de Ponta-Grossa**

J. T. DE BURGO  
(Pastor da Igreja)

O TEMPLO adventista de Ponta-Grossa é sóbrio e atraente. Foi construído em 1925 pelo pastor Arthur Westphal, então presidente da Missão. Sua construção é sólida, e está situado em localização ideal para a evangelização da cidade. Seus bancos são de *imbuia*, raríssima madeira de durabilidade quase eterna. O local pode conter até 200 pessoas. Além disso, possui amplo batistério, sala de mães, peça pastoral, sala da Sociedade Beneficente "Dorcas", sala para a escola primária e boa galeria.

Quando foi mudado o escritório central da Missão, para Curitiba, capital do Estado do Paraná, veio para cá, em 1931, o pastor Frederico Kümpel, a fim de encarregar-se da igreja, e tornou-se, assim, o seu primeiro pastor. Em 1932, devido à escassez de obreiros, o pastor Manoel Kümpel, obreiro aposentado, encarregou-se da direção da igreja e desempenhou-se como seu pastor durante mais de doze anos. Graças aos seus esforços, muitas almas foram batizadas. A partir do ano 1945, outros obreiros trabalharam aqui e realizaram uma grande obra missionária que rendeu resultados ótimos.

A igreja conta agora com 85 membros, e mais de 130 na escola sabatina. Aos sábados e domingos chegam tantos visitantes que o templo se torna acanhado para dar acolhida a todos.

Em março de 1953 eu fui transferido para este lugar. Sinto-me feliz por poder trabalhar em tão próspera cidade, sede do segundo distrito deste grande campo missionário que é a Associação Paraná-Santa Catarina.

**ILUSTRAÇÕES**

"Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". — Rom. 8:38 e 39.

**A Vida, Mais do que a Morte, nos Separa das Grandes Realidades**

SE vos fôsse perguntado qual das duas — a vida ou a morte — é mais destrutiva da nossa relação para com Deus e o homem, e mais apta para desfazer nosso amor para com outras pessoas, sem dúvida diríeis ser a morte.

Não obstante, em pleno gôzo da vida também nós muitas vezes desfazemos o nosso amor ou amizade a outras pessoas. Algumas vezes nunca mais tornamos a falar-lhes. Nesse caso é ainda pior do que se a morte os houvesse interrompido.

Consideramo-nos muito ocupados em vida. Sim, pensamos estar ocupados demais para buscar a fé. Demasiadamente nos absorvemos com o dinheiro e os interesses mundanos. Raramente vemos que a vida, mais do que a morte, é mais apta para separar-nos de Deus.

(Continua na página 20)

# ARTIGOS GERAIS

## Os Descobrimentos Modernos Confirmam a Bíblia

SIEGFRIED H. HORN

(Professor de Arqueologia e História da Antigüidade, do Seminário Teológico A. S. D.)

### Os Reinos de Judá e Israel

#### PARTE IV

**S**ALOMÃO é descrito na Bíblia como homem sábio, grande arquiteto e comerciante de fama internacional. As numerosas destruições de Jerusalém e a inacessibilidade da área do templo para os escavadores, poucas provas nos forneceram das portentosas atividades construtoras na sua capital. Em Megido, entretanto, os remanescentes do nível Salomônico, trouxeram à luz grandes cavaliças com espaço suficiente para 500 animais, com as residências oficiais do chefe e comandante dos carros de Salomão naquela região do país. <sup>1</sup> Megido é uma das cidades mencionadas na Bíblia em ligação com as extensas atividades construtoras de Salomão para prover cidades fortificadas para os seus carros. (I Reis 9:15; 10:26; II Crô. 1:14.)

Diz-nos a Bíblia, também, que Salomão construiu barcos em Ezion-geber, de onde partiam em busca das riquezas de Ofir, com cujo país mantinha transações comerciais intensas. (I Reis 9:26; II Crô. 8:17.) Declara, também, que ouro, prata e bronze foram mais abundantes durante o seu reinado, do que em qualquer tempo a ele anterior ou posterior. (II Crô. 9:13, 14 e 27; 4:17 e 18; I Reis 7:46 e 47.) As explorações de Nelson Glueck feitas em Edom, antes da última guerra, descobriram as minas de cobre de Salomão, e um grande centro de produção desse metal em Ezion-geber, no litoral noroeste do Mar Vermelho. Na escavação feita nessa cidade, foi descoberta grande quantidade de fundições excepcionalmente grandes, com chaminés de aspecto moderno. Verificou-se que grande parte da riqueza de Salomão provinha da produção de objetos de cobre, instrumentos e armas que, aparentemente, eram negociados com as nações vizinhas. Todos esses objetos eram fabricados nesse grande centro industrial, a Pitsburgo de Salomão, como Nelson Glueck chamou Ezion-geber. <sup>2</sup>

Pouco depois da morte de Salomão, Sisac, rei do Egito, invadiu a Palestina e arrebatou de Jerusalém grande parte do tesouro ali acumulado por Salomão. (I Reis 14:25 e 26.) A lista das cidades palestinas que Sisac pretendeu haver conquistado, e por ele inscritas nas paredes do templo de Carnac, no Egito, eram havia muito conhecidas, mas faz poucos anos apenas, foi achado um fragmento dum obelisco que o rei Sisac erigiu em Megido, no próprio país da invasão. <sup>3</sup>

Em escavações efetuadas na cidade de Tanis, no Egito, o professor P. Montet descobriu, no início da última guerra, alguns sepulcros reais da mesma dinastia a que pertenceu o rei Sisac. Entre elas figurava a do rei Sisac II, neto do invasor da Palestina. Alguns dos ornamentos de ouro encontrados nesse sepulcro e cujas inscrições declaram ha-

verem sido oferecidos ao morto por seu avô, Sisac I, bem pode haverem sido confeccionados com o ouro retirado de Jerusalém. <sup>4</sup> Esperam todos os egiptólogos estudiosos da Bíblia que o sepulcro do rei Sisac I venha também a ser encontrado, pois existe a possibilidade de que contenha os objetos por ele retirados de Jerusalém, bem como informações concernentes à sua campanha militar, descrita sucintamente na Bíblia. (I Reis 14:25 e 26.)

As escavações norte-americanas de Samaria descobriram as ruínas dos palácios e celeiros de Onri e Acab, bem como os muros da cidade. Por muito tempo não se imaginava como compreender o passo que afirma haver Acab construído uma casa de marfim. (I Reis 22:39.) Dificilmente se imaginaria que o marfim fôsse tão abundante que possibilitasse a construção dum palácio. Alguns comentaristas julgavam que o palácio de Acab houvesse estado pintado da cor do marfim, e dado, assim, origem ao nome "palácio de marfim"; pensavam outros que fôsse ornado de pedaços de marfim. Esta última suposição confirmou-se estar certa. Numerosas belas placas de marfim foram encontradas entre as ruínas do palácio de Acab. Mostramos elas o artesanato altamente artístico do tempo de Acab, e que os seus móveis e paredes estavam ornados de painéis de marfim lavrado, que também estavam pintados em cores vivas, como claramente mostram os fragmentos encontrados. <sup>5</sup> São eles o restante do saque efetuado pelos assírios quando conquistaram Samaria, em 722 A. C. Ao arrancarem os painéis de marfim, abandonaram os fragmentos no edifício que incendiaram. Esses fragmentos de marfim, preservados pelos destroços do antigo palácio até que foram de novo trazidos à luz em nossos dias, são agora testemunhas vivas de outro passo das Escrituras. Vários outros painéis foram encontrados num palácio assírio em Ninrod, a antiga Calá, que foi uma das cidades de residência real assíria. São eles de estilo muito semelhante ao encontrado em Samaria, e, ou provêm do mesmo palácio ou foram lavrados segundo o modelo visto pelos assírios em Samaria. <sup>6</sup>

Dos celeiros de Acab foram retirados cerca de uma centena de fragmentos de ladrilhos de barro. Contêm eles anotações de impostos relativos a óleo e vinho recebidos pela fazenda real. Esses despretenciosos documentos são, não obstante, de grande valor para familiarizar-nos com o vocabulário, ortografia e escrita da língua hebraica do século IX A. C. Os nomes de indivíduos também revelam a mescla religiosa existente ao tempo de Acab, porque da quantidade computada a metade tem ligação com Jeová. <sup>7</sup> Entre esses nomes encontram-se os bem conhecidos de Abibaal, Baalzamar, Ba-

alazakar, Baalmeoni, Meribaal e Baala, para só citar uns poucos relacionados com Baal. Os nomes que continham o divino nome de Jeová eram: Jedaia, Jeoiada, Semaria, e outros.

Esses nomes de indivíduos são indicativos das condições religiosas existentes no tempo de Acab, quando Elias combateu com tanto vigor o culto de Baal, mas mostram, também, a verdade da declaração feita por Elias de que muitos não haviam dobrado os joelhos a Baal (I Reis 19:18), fato esse que Elias não reconhecera anteriormente, pois pensou ser ele próprio o único restante dentre os verdadeiros adoradores de Deus. As óstracas (terracota) samaritanas, entretanto, mostram-nos que havia tantos pais que davam aos filhos nomes relacionados com Jeová, quantos eram os que punham nos seus, nomes de Baal.

Um nome desses ladrilhos samaritanos, Egeliau, também relacionado com Jeová, tem interesse especial por motivo de sua significação: "Jeová é um bezerro". Jeroboam I erguera em Betel e Dã dois bezeros, onde Jeová era adorado como o eram os ídolos dos vizinhos pagãos de Israel. Isso ficou conhecido como "o pecado de Jeroboão" (I Reis 12:28-30; 15:34, etc.), e foi um dos motivos principais da queda do reino do norte. Conquanto os bezeros de ouro hajam desaparecido há muito, o nome dos cidadãos humildes do tempo de Acab dá testemunho de que o povo de então considerava Jeová um bezerro, como lhes ensinavam as imagens de Betel e Dã.

Os documentos concernentes à queda de Samaria são há muito conhecidos. O rei assírio, Sargon II, reivindicava em suas inscrições, nossas conhecidas há muitos anos, a tomada da cidade de Samaria, no princípio do seu reino, e a captura de 27.290 prisioneiros, além de 50 carros.<sup>8</sup> Por muito tempo creu-se que ele haja sido o conquistador de Samaria, se bem que a Bíblia declare que Salmanasar, predecessor de Sargon, foi quem sitiou a capital do reino do norte. Prova mais recente mostra que Sargon reivindicou para si alguma coisa que o seu predecessor havia realizado. De Salmanasar, conquistador de Samaria, desapareceram tôdas as inscrições. Foram elas, possivelmente destruídas propositalmente pelo usurpador Sargon, que lhe seguiu no trono. Durante os primeiros sete anos de seu reinado, não reivindicou ele para si a conquista de Samaria, mas repentinamente, no seu oitavo ano, começou a contar, em suas inscrições, que conquistara essa cidade.<sup>9</sup>

Conta-nos a Bíblia que, depois da queda de Samaria, os israelitas foram removidos para diferentes partes do império assírio, para Halá, Habor, para junto do rio Gozá, e para as cidades dos medos. (II Reis 17:6.) Essa é a última informação que dêles temos. Depois de serem levados para o exílio, os israelitas desapareceram da história. Alguns talvez se ajuntaram mais tarde aos judeus que foram levados em cativeiro para Babilônia e, ou voltaram com eles para a Palestina, sob o comando de Ciro, ou ficaram em Babilônia, onde se formou grande coletividade israelita. A grande maioria dos israelitas, sendo ídólatras e quase sem diferença alguma dos demais pagãos, pode haverem perdido a sua individualidade e sido absorvidos pelo povo entre que foram postos. Apenas uns poucos textos que mencionam alguns desses cativos israelitas, foram encontrados na Mesopotâmia. Um texto procedente de Tel-Halá, a antiga Gozá mencionada em II Reis 17:6, regista a transferência de uma

jovem escrava israelita de nome Diná. Outros homens mencionados no mesmo texto são um certo Ismael e um escravo chamado Oséias.<sup>10</sup> Uma das cartas reais assírias, encontrada na capital de Nínive trata de negócios em Gozá, e faz menção de dois oficiais com nomes hebraicos e um certo "Halbiseu da cidade de Samaria". Uma quantidade de outros textos, procede da região de Cabur, também mencionada em II Reis 17:6 (sob o nome de Habor), e contém certo número de nomes israelitas.<sup>11</sup> São esses os únicos traços que podemos achar dos cidadãos derrotados do moderno reino do norte. A partir desse tempo, eles simplesmente desapareceram, e não há mais possibilidade de serem encontrados pelo historiador. Tudo quanto é dito, contrariamente a esses fatos, pelos defensores do movimento anglo-israelita, que encontra descendentes das "Dez Tribos Perdidas" entre a população atual das Ilhas Britânicas, é historicamente infundado e mero disparate.

Os últimos anos do Império Assírio ficaram envoltos em mistério. Com Assurbanipal (668? AC) cessam as nossas fontes. Muitos dos nossos livros de História nos dão a data de 606 A. C. como havendo sido o ano da queda de Nínive. Sômente em 1923 foi achado, entre as preciosidades do Museu Britânico, um ladrilho que revelou que essa data estava errada. Esse ladrilho, divulgado por C. J. Gadd, contém um relato das campanhas militares de Nabopolassar de Babilônia, e Ciaxares, da Média, empreendidas contra a Assíria, no decorrer dos anos 616-609 A. C. Conquistaram eles uma cidade após outra, e destruíram o Império Assírio. Esse ladrilho claramente mostra que Nínive foi destruída no ano 612 A. C. e o império assírio dividido entre os dois poderes conquistadores, nesse mesmo ano.<sup>12</sup> Tôda a complicada história do Egito, Babilônia e Judá durante esse período, para o qual a Bíblia é a nossa fonte principal, foi esclarecida imensamente por esse único texto histórico. Uma quantidade de problemas foi solvida por esse meio, e quase não existe período da história do Velho Testamento que reconstruamos com tanta certeza e precisão quanto o período de Nabopolassar, Nabucodonozor e seus contemporâneos Judeus, de Josias e Zedequias.

Textos astronômicos e outros, escritos em ladrilhos cuneiformes fixaram os anos do reinado de Nabucodonozor com tanta clareza que o sincronismo apresentado na Bíblia entre esse reinado e o governo judaico nos permite datar o começo do cativeiro de Daniel (Dan. 1:1) com certeza absoluta no ano 605 A. C. De igual modo o cativeiro de Joaquim é datado de 597 A. C., e a queda de Jerusalém em julho de 586, A. C. Visto que essas datas podem ser confirmadas astronômicamente, não resta a mínima dúvida quanto à sua exatidão, apesar de que muitos eruditos relutem em aceitá-las e rejeitar a data anteriormente aceita de 598 A. C., para o cativeiro de Joaquim, e 587 A. C., para a queda de Jerusalém.

## O Exílio

Em anos recentes os críticos eruditos deram muita atenção aos livros escritos durante o exílio e imediatamente depois dêle, i. é, Ezequiel, Esdras e Neemias. Esses livros foram seriamente atacados e considerados tão indignos de confiança quanto os de Daniel e Ester, que haviam sido por muito tempo considerados não históricos e fictícios.

Quando G. Hölscher escreveu o seu livro sobre

Ezequiel, em 1924, disse que a condenação da crítica havia atingido quase todos os livros proféticos, com exceção de Ezequiel, que permanecera intato, e que era alto tempo de que alguém atacasse Ezequiel.<sup>13</sup> A teoria mais revolucionária, a respeito de Ezequiel, foi defendida pelo professor C. C. Torrey, da Universidade de Yale, que o considerou uma velha ficção, e historicamente muito indigno de confiança.<sup>14</sup> Idênticamente considerara antes os livros de Esdras e Neemias. Ele e seus seguidores chegaram até a duvidar da historicidade da queda de Jerusalém para Nabucodonozor. Ao ser abordada a destruição de Jerusalém, duvidou-se do cativo babilônio e do regresso, sob Ciro. Os descobrimentos dos anos recentes tornaram todos esses conceitos críticos insustentáveis, e apoiaram de modo notável os registros da Bíblia.

As escavações de Láquis, Debir e outras cidades judias mostram que essas cidades haviam sido inteiramente destruídas no tempo de Nabucodonozor, e não se sabe de um único caso em que uma cidade de Judá houvesse sido ocupada durante o período exílico.<sup>15</sup> Sinetes com a inscrição do nome do rei Joaquim, encontrados em Debir e Beth-semes provam a existência desse rei efêmero.<sup>16</sup> Além disso, uma quantidade de ladrilhos foi encontrada nas ruínas do palácio de Nabucodonozor, em Babilônia, e foram decifrados justamente antes da última guerra. O professor Ernst F. Weidner constatou serem anotações de provisões entregues pelo celeiro imperial aos empregados estrangeiros e aos dignitários exilados de Nabucodonozor. Entre eles, Joaquim, rei de Judá, seus cinco filhos e seu tutor judeu figuram como recebedores de óleo e vinho.<sup>17</sup> Isso prova que Joaquim estava prisioneiro em Babilônia ao tempo em que esses ladrilhos foram escritos (592 A. C. e mais tarde), fato de que duvidou bom número de críticos. Albright, referindo-se aos vários descobrimentos que provam que os acontecimentos relacionados com o exílio, e registados nos livros de Crônicas e Ezequiel são corretos, diz que: "todo descobrimento recente com isso relacionado aumenta a prova tanto da data antiga do livro de Crônicas (cêrca de 400 A. C. ou pouco mais tarde) quanto do cuidado com que o autor das crônicas extraiu e compilou de livros mais antigos, documentos e tradições orais de que pôde dispor... A nova documentação traz outras confirmações da autenticidade do livro de Ezequiel."<sup>18</sup>

A Palestina, que sempre nos forneceu muitas inscrições antigas, deu à luz vinte e uma cartas escritas em cacos de ladrilhos. São elas os despachos dum comandante de exército que lutou contra o exército de Nabucodonozor nos últimos dias da existência de Judá como reino.<sup>19</sup> Uma dessas cartas contém a mensagem de que o missivista e seus soldados ainda estavam observando os sinais de Láquis, embora não mais pudessem ver os de Azeca.<sup>20</sup> Essa carta foi escrita nos dias trágicos de que Ezequiel falou no capítulo 34, v. 7: "Quando o exército do rei de Babilônia pelejava contra Jerusalém, e contra todas as cidades de Judá, que ficaram de resto; contra Láquis e contra Azeca; porque estas fortes cidades foram as que ficaram dentre as cidades de Judá."

As mesmas cartas também se referem a um profeta que parece haver sido bastante conhecido, visto ser chamado simplesmente "o profeta", sem menção do seu nome.<sup>21</sup> Pensam alguns eruditos que se refere a Jeremias, especialmente porque o co-

mandante do exército, que escreveu as cartas, dá a impressão de essa pessoa ser fiel servo de Jeová.

Um paralelo interessante de Jeremias 38:4 é também encontrado numa das cartas que fala dos príncipes quase de igual modo em que, segundo a Bíblia, os príncipes se referiam a Jeremias. Os príncipes acusaram Jeremias de enfraquecer "as mãos dos homens de guerra que restam nesta cidade, e as mãos de todo o povo, dizendo-lhes tais palavras", ao aconselhar-lhes êle que se rendessem aos babilônios e desistissem da resistência inútil. Nessa carta, escrita num ladrilho de barro cozido, o comandante do exército escreveu ao seu oficial superior a respeito da carta enviada pelo príncipe: "Peço-te que lhes leias." E observa que as palavras do príncipe não servem senão para enfraquecer-nos as mãos e debilitar as mãos dos *homens que delas se informarem.*"<sup>22</sup>

Essas cartas de Láquis nos forneceram muita informação no que tange à língua e ortografia do tempo de Jeremias. Tão íntima é a semelhança da língua hebraica usada nessas cartas, com a encontrada nos livros dos Reis, Jeremias, e outros contemporâneos, que não pode haver dúvida quanto a serem esses livros da lavra dos próprios autores, nem que não foram feitas alterações nos seus escritos.

Além disso, essas vinte e uma cartas contêm muitos nomes de pessoas que viveram nos últimos poucos meses da existência de Judá. Grande maioria desses nomes está relacionada com o nome de Jeová, assim como a última parte do nome Jeremias é uma abreviatura do divino nome de Jeová. Mostram êles, claramente, a influência da reforma de Josias. A idolatria foi estirpada, e removidos do país todos os deuses pagãos. Escritas uns quarenta anos depois da reforma de Josias, essas cartas refletem com clareza a grande mudança que, em sentido religioso, se operara em Judá. Aparecem em contraste notável com os documentos que nos vêm da Samaria do tempo de Acab, mostrando que havia exatamente tantos nomes relacionados com Baal quantos eram os relacionados com Jeová. Por outro lado, nenhum dos nomes encontrados nas cartas de Láquis continha o nome duma divindade estrangeira. Sômente os nomes do verdadeiro Deus de Judá, Aloim e Heová, são encontrados nesses documentos.<sup>23</sup>

Do mesmo período vem uma carta aramaica, escrita numa fôlha de papiro, encontrada há alguns anos no Egito. Essa carta foi escrita pelo rei Adon de Ascalon (?) e dirigida ao Faraó Ofra, do Egito, o mesmo rei que, sem êxito, tentou prestar auxílio à sitiada Jerusalém. (Jer 37:5.) Nessa carta o rei Adon contou ao Faraó que o exército babilônio estava marchando pela costa da Palestina em direção ao sul, e avançara até Aneç. Pedia êle auxílio imediato do Egito para resistir.<sup>24</sup>

O apêlo patético do governador da Palestina que, como o rei Zedequias, ouvira as instigações falsas do Egito e rebelara-se contra o dominador babilônio, ajudam-nos a compreender o terrível desanotamento que o povo do tempo de Jeremias deve ter sentido quando se lhes frustraram todas as esperanças com a inatividade do exército egípcio ou com o pouco ou insuficiente auxílio prestado na luta contra os babilônios. Essa carta demonstra a fidelidade com que se estavam cumprindo as profecias com que Jeremias exortara as nações vizinhas de Judá a servirem fielmente a Nabucodonozor.

e advertiu-as das terríveis conseqüências se contra elle se rebelassem. (Jer. 27:2-11.)

Também, êsse documento é um antiquíssimo exemplar duma carta diplomática escrita em aramaico, que occasionou grande surpresa ao mundo erudito. Ninguém imaginara que um rei filisteu do remoto sétimo século A. C., houvesse usado a lingua aramaica ao dirigir-se a um rei egipcio. Visto que essa carta vem do mesmo período em que foram escritos os capítulos aramaicos do livro de Daniel, a carta é de grande importância para os estudiosos da Bíblia. Tempo houve em que os livros de Daniel e Esdras eram veementemente atacados como produções antiquadas e fantasiosas, por motivo das partes em aramaico que continham. Hoje, ninguém que conhece os fatos pode mais coerentemente usar o argumento aramaico como prova duma data mais antiga desses livros. Os muitos documentos aramaicos do quinto século encontrados em diferentes partes do Egito, forneceram-nos material abundante com que refutar as reivindicações desses criticos eruditos. 25

O redescobrimto de Belsasar forma outro capítulo soberbo da história da arqueologia bíblica. Belsasar só ficou sendo conhecido a partir do quinto capítulo do livro de Daniel. Êle nunca foi mencionado por um autor grego, nem em fonte outra que não a bíblica do período pré-cristão, com exceção do livro apócrifo de Baruc, que tem por fundamento o de Daniel. Os comentaristas fundamentalistas que defendiam o livro de Daniel, faz um século, encontravam dificuldade para explicar a identidade desse Belsasar de Daniel 5. Pensavam alguns, fôsse Nabonido; outros, se tratasse de outro nome de Nabucodonozor, filho de Evil-Merodac. Ao serem revelados os textos cuneiformes dos últimos anos do Império Babilônio, veio à luz o havia muito tempo, perdido nome de Belsasar como príncipe herdeiro do último rei de Babilônia. Sômente quando o prof. R. P. Dougherty coligiu os numerosos textos que mencionam Belsasar e Nabucodonozor, foi que a verdadeira função desse nome se tornou conhecida. O livro de Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*, publicado em 1929, contém uma profusão de material útil que confirma as partes históricas de Daniel. Mostrou êle que, em seu terceiro ano de govêrno, Nabonido transferiu o govêrno para o seu filho Belsasar, ao retirar-se para Tema, na Arábia, onde passou muitos anos de sua vida, e que Belsasar exerceu o reinado sôbre o Império Babilônio durante os últimos anos de sua existência. As investigações de Dougherty conduziram-no à conclusão de que o quinto capítulo de Daniel é, em conformidade com os atuais ladrilhos cuneiformes, a fonte mais precisa do nosso conhecimento dos últimos dias de Babilônia. 26

O prof. R. H. Pfeiffer, que não crê que o livro de Daniel haja sido escrito no sexto século A.C., mas declara ser produto da era dos Macabeus, está perplexo. Não pode êle compreender como uma informação precisa acêrca de Belsasar foi introduzida no livro de Daniel num tempo em que êsse rei esteve tão esquecido em todo o mundo antigo, que nenhum dos autores gregos o menciona. Conseqüentemente, faz as declarações seguintes:

"Possivelmente nunca saberemos como o nosso autor teve conhecimento... de que Belsasar mencionado unicamente nos registos babilônios, em Daniel e em S. Mar. 1:11, que se baseia em Daniel,

exerceu o reinado quando Ciro tomou Babilônia, em 538." 27

Para nós, que cremos que o livro de Daniel foi escrito no sexto século A. C., não há problema, mas o erudito que não quer abandonar a sua attitude crítica, não pode compreender como um homem da era macabéia podia estar tão perfeitamente informado acêrca dos acontecimentos históricos ocorridos trezentos anos antes, e quando nenhum material de fonte fidedigna daquele período existia mais.

Como todos os demais historiadores, ainda não podemos provar a existência de Dario, o medo (Dan. 5:3; 6:1 e seguintes; 9:1; 11:1) por meio de registos contemporâneos, ou averiguar em fontes extra-bíblicas daquele tempo, o papel que desempenhou nos dias que se seguiram à queda de Babilônia. Entretanto, visto que tantos pormenores obscuros e aparentemente não históricos do livro de Daniel foram recentemente elucidados e provada a sua veracidade, não existe para mim dúvida de que podemos confiar inteiramente nesse livro e afastar quaisquer dúvidas quanto à sua veracidade histórica. O problema ainda não solvido quanto a Dario, o medo, não me preocupa absolutamente. Há umas poucas décadas os nossos antepassados tiveram a mesma dificuldade no tocante a Belsasar, e êsse problema foi agora solvido de maneira admirável. Novos descobrimentos poderão em qualquer tempo elucidar êsse problema restante do livro de Daniel.

#### BIBLIOGRAFIA

- (1) P. L. O. Guy, *New Light From Armageddon* (Oriental Institute Communications, N.º. 9, Chicago, 1931) págs. 37 e seguintes.
- (2) As escavações de Ezion-Geber foram publicadas apenas em forma preliminar por Nelson Glueck, em *The Biblical Archaeologist*, 1 (1938), págs. 13-16; 2 (1939), págs. 37-41; 3 (1940), págs. 51-55, e no *Boletim*, 71 (Outubro de 1938), págs. 13-16; 72 (Dezembro de 1938), págs. 2-13; 75 (Outubro de 1939), págs. 8-21; 79 (Outubro de 1940), págs. 2-18.
- (3) Clarence S. Fisher, *The Excavation of Armageddon* (Oriental Institute Communications N.º. 4, Chicago, 1929) págs. 12 e 13.
- (4) Pierre Montet, "La Néropole des Rois Tanites", *Kemi*, 9 (1942), págs. 1-96.
- (5) J. W. Crowfoot e Grace M. Crowfoot, *Early Ivories From Samaria* (Londres, 1938), págs. 15 e 62, 25 ilustrações.
- (6) R. D. Barnett, "The Nimrud Ivories and the Art of the Phoenicians", *Iraq*, 2 (1935), págs. 179-210.
- (7) J. W. Jack, *Samaria in Ahab's Time* (Edinburgh, 1929), págs. 37-64, 98-101 e 145.
- (8) *Ancient Near East Texts*, págs. 284-286.
- (9) Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, (Chicago, 1951), págs. 122-128.
- (10) Johannes Friedrich, et al., *Die Inschriften vom Tell Halaf*, Archif für Orientforschung, Beiheft 6 (Berlim, 1940), págs. 61 e 62.
- (11) May, "The Ten Lost Tribes", *The Biblical Archaeologist*, 6 (1943), págs. 55-60.
- (12) C. J. Gadd, *The Fall of Nineveh* (Londres, 1923); a última tradução deste texto é de autoria de A. L. Oppenheim, em *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 303-305.
- (13) G. Hölscher, *Hesekiel, Der Dichter und das Buch*, Beihefte zur Zeitschrift der Alttestamentlichen Wissenschaft, Vol. 39 (Giessen, 1924), pág. 1.
- (14) C. C. Torrey, *Pseudo Ezekiel and the Original Prophecy* (New Haven, 1930), págs. 17, 18, 59-61.
- (15) Albright, *The Archaeology of Palestine* (Penguin Books, 1949), págs. 141 e 142.
- (16) Albright, "The Seal of Eliakim and the Latest Preexilic History of Judah. With Some Observations on Ezekiel", *Journal of Biblical Literature*, 51 (1932), págs. 77-106.
- (17) Albright, "King Joiachin in Exile", *The Biblical Archaeologist*, 5 (1942), págs. 49-55.

# A Definição de Heresia

EARL W. HESLOP

(Pastor-Evangelista da Associação de Michigan)

Que Atitude Assumir Para com as Heresias

Parte I

A HERESIA nada tem de novo; ela foi reconhecida e enfrentada pelos apóstolos. A heresia sempre causa perplexidade e confusão. O ministro de uma congregação praguejada dessa doença tecnológica fica perplexo sobre como enfrentá-la, e seus paroquianos, ficam confundidos com as variantes interpretações das Escrituras, que são o produto lógico dos heréticos.

Desconhecer a heresia seria desastroso para a organização perturbada com essa atividade cancerosa. O corpo todo seria lesado, possivelmente com resultados fatais. Se um grupo quiser manter as suas características distintivas, é-lhe necessário enfrentar a heresia e vencê-la. Visto que a heresia precisa ser enfrentada, o problema a ser considerado é esse método.

## A Evolução do Termo

A fim de compreender devidamente a significação do termo é necessário examinar o seu uso e evolução. A palavra provém do grego. <sup>1</sup> Herodoto usou-a ao referir-se à captura de Babilônia por Dario. Sua proclamação foi: "Depois da tomada de Babilônia, o próprio Dario marchou contra os citos." <sup>2</sup>

Josefo usou o termo ao referir-se às "três heresias dos judeus", que eram os fariseus, os saduceus e os essênios, suas três seitas mais famosas. <sup>3</sup> Para Josefo, o termo "heresia" significava o mesmo que "seita" para nós; isto é, um grupo de pessoas que se separam de outras.

A mesma palavra é traduzida por "seita", em Atos 15:5 e 26:5, referente aos fariseus, e em Atos 5:17, referente aos saduceus. Os cristãos foram designados por essa palavra, em Roma, quando Paulo se encontrou ali com os judeus. Atos 28:22 conta-nos o incidente, e usa a tradução "seita". Quando perante o tribunal de Félix, Paulo foi chamado por Tértulo, de "o principal defensor da seita dos nazarenos" (Atos 24:5), e no versículo 14 Paulo declara, em sua defesa, que servia a Deus "conforme aquêlê caminho que chamam seita [heresia]."

(18) *Ibid.*, págs. 53 e 54.

(19) Harry Torczyner et al., Lachish I, *The Lachish Letters* (Londres, 1938), pág. 223.

(20) Lachish Ostraca IV. A última tradução dêste texto é de autoria de Albright, em *Ancient Near Eastern Texts*, pág. 322.

(21) Lachish Ostraca III, *ibid.*

(22) Lachish Ostraca IV, *ibid.*

(23) Torczyner, op. cit., págs. 28-30, 198, 214 e 215.

(24) H. L. Ginsberg, "An Aramaic Contemporary of the Lachish Letters" *Roletim* 111 (Outubro de 1948), págs. 24-27; John Bright, "A New Letter in Aramaic, Written to a Pharaoh of Egypt" *The Biblical Archaeologist*, 12 (1949), págs. 46-52.

(25) Ver os artigos "The Aramaic Problem of the Book of Daniel", *The Ministry*, 23 (Maio, Junho, Julho, 1950), N.ºs. 5, 7.

(26) Raymond P. Dougherty, *Nabonidus and Belsazzar* (New Haven, 1929), págs. 199 e 200.

(27) Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (New York, 1941), págs. 758 e 759.

Dêsse uso feito ao tempo dos apóstolos, o termo passou a ter a significação de partido, divisão, seita, sem qualquer insinuação de censura. "Os gregos usavam comumente o termo para descrever as escolas em que os seus filósofos estavam divididos." <sup>4</sup>

Escrevendo aos coríntios, Paulo declara que tivera conhecimento de "dissenções" [cismas] entre eles, e raciocina que "importa que haja entre vós heresias." <sup>5</sup>

Escrevendo aos membros da igreja na Galácia em Gál. 5:19 e 20, êle classificou o termo heresia entre as "obras da carne". Já aqui, o termo heresia começa a ter a significação de uma escolha feita pelo individuo, pois essas obras são o produto da vontade ou desejo do homem. "Seu sentido secundário é 'escolha', 'preferência'." <sup>6</sup>

Pedro, em sua segunda epístola, (II S. Ped. 2:1), advertiu os primitivos cristãos de que falsos ensinos seriam introduzidos em seu meio "heresias de perdição". Essa profecia indica que os que introduzissem as heresias seriam destruídos. O uso do termo, por Pedro, indica que êle compreendia que heresia significava "falsos ensinos". Heresia era alguma coisa a ser evitada. <sup>7</sup> Com êsse uso o termo começa a ser aplicado a certos ensinos e crenças, ou a escolha de diferenciar-se na crença e, "desde então a palavra foi usada para denotar qualquer espécie de noção errônea concernente à fé." <sup>8</sup> Paulo faz predição semelhante em sua primeira epístola a Timóteo (4:1): "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apóstatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios." Aos colossenses, escreveu Paulo: "E digo isto para que ninguém vos engane com palavras persuasivas" (Col. 2:4). A expressão "palavras persuasivas", "doutrinas de demônios", e "apostatar da fé", eram usadas para indicar ensinos definidos pelos heréticos.

No tocante a êsses tempos, escreveu a Sra. Ellen G. White:

"Enquanto os anos passavam e o número de crentes aumentava, João trabalhava pelos irmãos com crescente fidelidade e devotamento. Os tempos eram cheios de perigo para a igreja. Enganos satânicos existiam por toda parte. Por meio de adulteração e falsificação, os emissários de Satanás buscavam suscitar oposição às doutrinas de Cristo; e como consequência disso, dissensões e heresias estavam pondo em perigo a igreja. Alguns que professavam a Cristo pretendiam que Seu amor os libertara da obediência à lei de Deus. Por outro lado, muitos ensinavam ser necessário observar os costumes e cerimônias judaicas; que a mera observância da lei, sem fé no sangue de Cristo, era suficiente para a salvação. Outros mantinham que Cristo fôra um homem bom, mas negavam Sua divindade. Alguns que simulavam ser leais à causa de Deus, eram enganadores, e, na



prática, negavam a Cristo e Seu evangelho. Vivendo eles mesmos em transgressão, introduziam heresias na igreja. Muitos eram assim levados a um labirinto de ceticismo e engano".<sup>9</sup>

### Definição de Heresia

Com base nessa prova, podemos definir que o termo *heresia* significa qualquer doutrina ou idéia contrária à ensinada nas Escrituras, e que negue os ensinamentos formulados por Cristo e pelos autores de Sua Palavra revelada. O "herético" seria a pessoa que defende, ensina e, de qualquer maneira auxilia a propagação de tais crenças.

"Sua significação, para o catolicismo, é uma doutrina mantida dentro da Igreja, que lhe promove a desunião. É mais séria do que um cisma, visto que, ao passo que a última se refere à cisão eclesiástica, a primeira se refere à alienação espiritual."<sup>10</sup>

Necessário é que outros termos, tais como *cisma*, *fanatismo* e *apostasia*, não sejam confundidos com heresia. Se bem que esses termos sejam parcialmente sinônimos, há nelas variantes de significação.

O cisma é uma divisão dentro da igreja devida a divergências ou pontos (ou pontos) de doutrina de menor importância. O fanatismo é o entusiasmo ou zelo por determinado tópico, doutrina ou prática na igreja. Apostasia é o abandono da igreja e das doutrinas e princípios de crença anteriormente professados.

Quando acariciada, a heresia pode levar ao cisma. Poderá alguém ser cismático sem ser herético. O fanatismo poderá não ser heresia, mas o herético poderá ser fanático. A apostasia pode resultar dum cisma ou da heresia, mas o apóstata não será necessariamente herético ou cismático.

Para os católicos romanos, o cisma significa:

"A recusa de submeter-se à autoridade do Papa ou manter comunhão com os membros da igreja que lhe está sujeita. Difere da apostasia e da heresia, mas o cisma muitas vezes leva a elas. Qualquer pessoa culpada dum ato externo de cisma é *ipso facto* excomungado; as condições para a absolvição são as mesmas que para a heresia. Os sacramentos podem não ser ministrados a cismáticos, mesmo aos de boa fé."<sup>11</sup>

No tocante à apostasia, declara a mesma fonte:

"Apostasia é o ato de rejeitar totalmente a fé uma vez abraçada. O abandono da prática da fé não é, para os católicos, apostasia. O apóstata precisa ingressar noutra igreja ou cair em ateísmo, mas fica sujeito às leis da igreja."<sup>12</sup>

(Continua no próximo número)

### REFERÊNCIAS

- (1) George Cross, "Heresy", *Encyclopedia of Religion and Ethics* (1914), Vol. VI, pág. 614.
- (2) Herodoto (livro 4, par. 1), traduzido por A. D. Godley. *The Loeb Classical Library*, Vol. II, págs. 198 e 199.
- (3) W. L. Alexander, "Heresy", *Kitt's Cyclopaedia of Biblical Literature* (Edinburgh: Adam and Charles Black, 1869), Vol. II, pág. 282.
- (4) *Loc. cit.*
- (5) I Coríntios 11:18 e 19.
- (6) Morley Stevenson, "Heresy", *Dictionary of the Apostolic Church*, (New York: Charles Scribner's Sons, 1922), Vol. I, pág. 560.
- (7) Alexander, *loc. cit.*
- (8) J. H. Blunt, ed., "Heresy", *Dictionary of Doctrinal and Historical Theology* (Philadelphia: J. B. Lippincott and Company, 1872), pág. 306.
- (9) Ellen G. White, *The Acts of the Apostles*, pág. 553.
- (10) George Cross, *loc. cit.*
- (11) *A Catholic Dictionary* (New York: The Macmillan Company, 1949), art. "Cisma", pág. 451.
- (12) *Ibidem*, art. "Apostasia", pág. 27.

## O "Contínuo" do Livro de Daniel

ARACELY MELLO

A PROFECIA do "contínuo" acha-se inserida nas profecias do livro de Daniel. Antes de mais nada, diga-se aqui que a profecia do "contínuo" tem dado, infelizmente, lugar a controvérsias em nosso meio. Duas correntes há em choque em sua apreciação. Uma delas opina que o "contínuo" representa a mediação de Cristo, substituída pelo falso sistema de mediação do culto católico. A outra, porém, opina que o "contínuo" representa o paganismo, opositor do papado em ascensão.

Na apreciação desta profecia, como de qualquer outra da Palavra inspirada, não têm valor os argumentos humanos sem base na revelação. Por isso, nosso modo de ver o "contínuo," deve estar fundamentado na inspiração, isto é, na Palavra de Deus e no Espírito de profecia. Notemos, em primeiro lugar, o que diz no caso a irmã White:

"Vi então com relação ao 'contínuo' (Dan. 8: 12) que a palavra 'sacrifício' foi suprida pela sabedoria do homem, e não pertence ao texto, e que o Senhor deu o correto ponto de vista sobre ele àqueles que deram o clamor da hora do juízo. Quando

havia união, antes de 1844, todos estavam estreitamente unidos na interpretação correta do 'contínuo'; porém na confusão desde 1844, outros pontos de vista foram abraçados, e trevas e confusão têm-se seguido." — (*Early Writings*, 74 e 75.)

Três pontos importantes deparamos neste passo do Espírito de profecia. O primeiro, é sermos advertidos de que o "contínuo" não se refere a nenhum sacrifício expiatório, visto que a idéia de sacrifício é evidentemente negada, e não passa de conjectura da "sabedoria do homem."

Em segundo lugar nos é dito que "o Senhor deu a interpretação correta" da profecia "àqueles que deram o clamor da hora do juízo." Em terceiro lugar, os errôneos pontos de vista sobre o "contínuo" surgiram depois da "confusão" ou desapontamento de 1844.

Ora, antes de mais nada, devemos saber qual "o correto ponto de vista" sobre o "contínuo", dado pelo Senhor "àqueles que deram o clamor da hora do juízo." Recorrendo aos anais daqueles anos que precederam a "confusão" de 1844, é que descobriremos o ponto de vista do Senhor sobre o "con-

tinuo”, explanado por aquêles baluartes da hora do juízo.

Primeiramente vejamos o que pregou Guilherme Miller sobre o “contínuo”. Anunciou êle:

“Li a respeito... e não pude achar nenhum outro caso em que êle (o contínuo) fôsse encontrado, senão em Daniel. Tomei então estas palavras que se acham em conexão com êle: (take away) ‘tirar’. Êle tirará o contínuo, ‘desde que o contínuo fôr tirado’, etc. Li a respeito e pensei que eu não acharia nenhum esclarecimento sobre o texto. Finalmente tornei a II Tess. 2:7 e 8. ‘Porque já o mistério da injustiça opera: somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; e então será revelado o iníquo’, etc. E quando tornei àquele texto, oh! quão clara e resplendente a verdade apareceu! Ali está! Êsse é ‘o contínuo’! Assim, o que Paulo pretende dizer por ‘um que agora resiste’, ou impede — por ‘o homem do pecado’, e ‘o iníquo’, é o papado. Mas, quem é que impede o papado de ser revelado? Neste caso é o paganismo; pois bem, então ‘o contínuo’ deve referir-se ao paganismo”. — *Signs of the Times*, 16 de novembro de 1842.

Em segundo lugar, temos Uriah Smith, que foi também um dos que pregavam a mensagem da hora do juízo e aguardavam a segunda vinda de Cristo em 1844. Sua opinião sobre o “contínuo”, não nos é estranha. Em seu comentário sobre as profecias de Daniel, expressa êle a mesma opinião de Guilherme Miller, isto é, que o “contínuo” era o paganismo, principal oponente do papado, bem como do povo de Deus nos antigos tempos.

Possivelmente deve ter havido muitos outros, dentre os que levantaram o clamor da hora do juízo, aos quais “o Senhor deu o correto ponto de vista sobre” o “contínuo”. Porém Guilherme Miller e Uriah Smith, citados, são suficientes testemunhos comprobatórios de que o Senhor, como salienta o Espírito de profecia, lhes ensinara que o “contínuo” é o paganismo.

### O Vocábulo “Tamid”

O vocábulo hebraico “tamid”, donde a tradução “contínuo”, encontra-se 102 vêzes no Velho Testamento, e, em todos os casos a que diz respeito, dá a idéia de continuidade, muitas vêzes com limitação de tempo.

O termo é empregado no que respeita a certos fatores do ritual do santuário; para expressar relações de Deus com o homem e dêste com Ele, bem como daquele para com o seu semelhante. A palavra é ainda usada na indicação de muitos pormenores relativos à vida material humana. Assim vemos que o termo “tamid” pode ser usado não só para determinar algo ligado ao culto divino, como também com relação à atuação particular de Deus e do homem.

### Um Obstáculo ao Papado

A profecia do “contínuo” está ligada à história da ascensão temporal do papado.

Os textos de Daniel (8:11-13; 11:31; 12:11) expressam enfaticamente que a ponta pequena — Roma-papal — tiraria o “contínuo”. Estes textos não deixam lugar para dúvida de que o “contínuo” constituiu o principal obstáculo à carreira temporal do papado, e que êste não poderia galgar a seu contento a supremacia político-religiosa-temporal na Europa Medieval, sem que o extirpasse.

Vemos, portanto, que o “contínuo” constituiu um poder civil que, por seus princípios religiosos, não permitia ao papado proseguir em seu despotismo espiritual-temporal. Pois, se o opositor do papado fôsse um poder sem base religiosa, não haveria razão para opor-se ao papado que, por seu turno, não veria nêle motivos para extirpá-lo e sim para catequisá-lo. Em virtude, porém, de sua manifesta oposição à “ponta pequena” — Roma-papal — esta se vira na contingência de destruí-lo.

### Como Foi Tirado o “Contínuo”

Sobre isto não fomos deixados na ignorância pela inspiração. Uma versão reza, no que respeita ao versículo doze de Daniel oito, o seguinte: “Foi-lhe dado (ao papado) poder contra o sacrifício perpétuo”. (Figueiredo). Outras versões dizem: “E um exército será dado (ao papado) contra o sacrifício perpétuo”. (Trinidade e Inglesa). E, quem deu o poder e proveu um exército ao papado, contra o “contínuo”, também nos esclarece a revelação.

Em Daniel 11:31, lemos: “E sairão a êle uns braços, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o contínuo *sacrifício*, estabelecendo a abominação desoladora”. Outra tradução diz: “Estarão da sua parte (ao lado do papado) os braços de homens poderosos que... farão cessar o sacrifício contínuo.” (Figueiredo).

Quão evidente é a profecia! Homens de projeção política apoiariam o papado e limpariam seu caminho, especialmente removendo, às suas instâncias, o poderoso “contínuo” — o paganismo imperante.

Estas positivas declarações da profecia estabelecem, na verdade, que o “contínuo” está longe de ser, como pensam alguns, a contínua mediação de Cristo. Se isto fôra certo, não haveria razão para a profecia aludir a poder, exército e braços de “homens poderosos”, para que o papado afastasse do seu caminho o “contínuo”. Sua ascensão temporal não dependia da promulgação de um dogma em substituição a outro, mas sim da remoção de estorvos políticos à sua marcha ascendente.

Compreendendo a classe romana, representada pelo império romano, opusera-se decididamente o paganismo imperial ao papado em ascendência. Ao galgar, porém, Constantino o Grande, ao trono do império, começou a cumprir-se a profecia da tirada do “contínuo”, demonstrando-se êste César desde logo um dos poderosos “braços” proféticos que surgiriam em socorro do papado, voltando-se contra o próprio paganismo do qual era antes pontífice. Constantino manifestou-se de pronto zeloso defensor do cristianismo à moda de Roma; proibiu a consulta aos deuses pagãos; e qualificou “o paganismo de opinião ímpia e poder das trevas”. Afinal, removeu para Constantinopla, a própria capital do império, deixando desembaraçado o caminho do papado ao ocidente romano.

Assim, com a política de Constantino e de seus sucessores no trono, favorável ao clero papal, estava o papado livre do “contínuo”, em sua forma romana, tendo o próprio paganismo dos Césares se cristianizado segundo Roma-papal. Afastado, pois, o “contínuo” romano, revelou-se o “iníquo” de que falou S. Paulo (II Tess. 2:6-8).

### O Paganismo Ariano

A invasão dos bárbaros põe novamente em perigo a estrutura ascendente do papado. A avalanche de

bárbaros germanos pareceu absorver tudo quanto era romano, incluso o próprio papado. Era o "contínuo" que agora, em sua forma pagã-ariana, opunha-se-lhe vigorosamente, tentando arrebatar-lhe de novo a supremacia. Mas a ponta pequena manifestara-se diplomaticamente bastante forte para enfrentar a crise e vencê-la com novos "braços" poderosos.

Em sua forma ariana, porém, ia o "contínuo" ser definitivamente vencido, tendo a inspiração estabelecido uma data fixa para a sua tirada ou destruição.

#### A Data Profética da Tirada do Contínuo

Tôdas as profecias das Sagradas Escrituras encontram seu cumprimento na história secular. Qualquer explanação profética sem o comprovante histórico legítimo, carece de tôda confiança e crédito.

Em Daniel 12:11, temos a data profética da tirada do "contínuo", aliás, no início do período de 1290 dias-anos ali preditos.

Para entender perfeitamente o que a revelação agora nos quer uma vez mais ensinar sôbre o "contínuo", recordemo-nos de que o papado, com seu falso sistema de culto, substituiu o paganismo, no trono temporal, até 1798, quando a espada de França o derribou da liderança em que o colocaram aqueles "braços de homens poderosos".

Por conseguinte, o período de 1290 dias ou anos, encontrou seu término em 1798. Então, como a razão no-lo ensina, devemos fazer retroceder da data de 1798 os 1290 anos, para têmos a data ou o ano em que, para dar lugar ao papado, o "contínuo" foi afastado.

Realizada a operação: 1798 menos 1290, temos diante de nós o ano 508, o ano infalível da tirada do "contínuo".

#### Acontecimentos Históricos

A supremacia dos bárbaros invasores sôbre o império romano do ocidente e a queda dêste em 476, tornou-se, como vimos, grave perigo para o papado. Mas, como, com o advento de Constantino, o caminho foi preparado para a vitória do papado sôbre o paganismo romano, de igual modo o advento de Clóvis, rei dos francos, preparou o caminho para a vitória do papado sôbre o paganismo-ariano, invasor que inundou a Europa.

Em 493 Clóvis contraiu núpcias com Rotehilda, filha de Chisperico e sobrinha católica de um rei ariano, Gondebaldo e, por sua influência, Clóvis converteu-se ao cristianismo católico, sendo batizado com mais de 3.000 de seus guerreiros.

Consumado o batismo de Clóvis, o papa lhe chamou "o filho primogênito da igreja". Sua conversão ao catolicismo trouxe para a igreja de Roma a poderosa espada dos francos, que foi imediatamente usada para reprimir o arianismo, cujos soberanos se alarmaram grandemente.

"Os reis dos bárbaros foram... convidados a unir-se numa 'liga de paz', a fim de deter as agressões de Clóvis, que os fazia perigar a todos". Formar uma confederação tal e vincular a tôdas as antigas monarquias arianas contra êsse Estado católico ambicioso que ameaçava absorvê-las tôdas, foi então o propósito principal de Teodorico".

"A ação diplomática de Teodorico foi impotente para impedir a guerra; pode até ser que estimulasse Clóvis a golpear rapidamente antes que contra êle se pudesse formar uma coligação hostil. Numa assembléia de sua nação, (talvez o Campo de Marte), em princípios de 507, declarou impetuosamente:

'Considero muito vexatório que êstes arianos dominem uma parte tão grande das Gálias. Vamos e vençamo-los com a ajuda de Deus, e submetamos a terra.' A proclamação agradou a tôda a multidão, e o exército reunido marchou para o sul até o Loire".

"Não se sabe porque a explosão demorou até ao ano 507. Que o rei dos francos foi o agressor, é coisa certa. Achou facilmente um pretexto para iniciar a guerra como campeão e protetor do cristianismo católico contra as medidas absolutamente justas que Alarico tomava.

"Na primavera de 507, êle (Clóvis) transpôs repentinamente o Loire e marchou para Poitiers". E os visigodos, não tendo recebido a tempo o auxílio de Teodorico, rei dos ostrogodos, foram derrotados.

"É evidente, pela linguagem de Gregório de Tours, que êste conflito entre os francos e os visigodos foi considerado pelo próprio partido ortodoxo de seu tempo e de outros anteriores, uma guerra religiosa, da qual, do ponto de vista humano, *dependia a prevalência do credo católico ou ariano na Europa ocidental*". — *Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis*, Vol. I, págs. 268-269.

Depois disto Teodorico, filho de Clóvis. e o rei dos borgundos, Gondebaldo, puderam apoderar-se, em 508, das cidades do Loire e do Ródano. Tomaram também Narbona, a mais importante depois de Tolosa, puseram em grave risco a Arles e deram sangrenta batalha entre a cidade oriental e ocidental para ganhar a ponte do Ródano, enquanto Clóvis cercava outra vez Carcassona para ver se podia apoderar-se do tesouro.

"Nestas circunstâncias chegaram as tropas ostrogodas ao teatro da guerra... Os ostrogodos não só contiveram o ulterior progresso das armas francas, como as fizeram retroceder". — *História Universal*, G. Oncken, Vol. VI, págs. 343 e 344.

Diz outra fonte: "No ano seguinte, em 508, Teodorico dirigiu-se contra Clóvis e ganhou a vitória, depois da qual fêz inexplicavelmente a paz com êle. e terminou a resistência das potências arianas." — *Las Profecias de Daniel y el Apocalipsis*, Vol I, pág. 270.

Abisma-nos o fato de que exatamente no ano 508, estando o paganismo-ariano vitorioso sôbre Clóvis, bem como sôbre o catolicismo, Teodorico cessasse a guerra e propusesse a paz para não mais os arianos oferecerem resistência total e organizada aos francos e aos católicos.

Os sucessos históricos comprovam cabalmente que Clóvis, depois de convertido ao catolicismo, se tornou uma figura de Constantino, salvando o papado de perecer sob a política e armas pagãs arianas, como aquêle, da política e armas pagãs romanas.

Ficou demonstrado, evidentemente, que o "contínuo", dos vários textos de Daniel, é o paganismo, quer romano quer ariano, afastado definitivamente pela cessação da resistência das potências arianas, exatamente no ano 508, prefixado pela profecia.

E, nesta pendência, entre o arianismo e o catolicismo, urge salientar os seguintes pontos:

1. Os bispos e o papado instigaram Clóvis, após o seu batismo, à guerra contra os seus oponentes ariano-pagãos.

2. Ao converter-se ao catolicismo, Clóvis toma a defesa do papado ameaçado pelo paganismo-ariano.

3. Clóvis apoiou incondicionalmente o papado em sua guerra contra o arianismo-pagão.

4. A guerra de Clóvis, depois de seu batismo, foi

uma guerra religiosa do papado contra as potências arianas coligadas.

5. Os bispos, sacerdotes e povo católico cooperaram com Clóvis, abrindo-lhe, à sua aproximação, as portas de suas cidades.

6. O trono papal foi, por Clóvis, salvo de parecer sob a pressão do arianismo.

7. Em 508 foi decidida a pendência do papado contra o arianismo, pelas armas de Clóvis, com vantagem definitiva para o papado.

8. Em 508 findou a resistência unida do arianismo total contra o papado.

9. Em 508 Clóvis preparou o triunfo do catolicismo e do papado.

10. Em 508 cumpriu-se perfeitamente a profecia do afastamento do "contínuo" — o paganismo.

Agora, como fêcho altamente comprobatório de que o "contínuo" foi em realidade o paganismo, diz-

nos o texto de Daniel 12:11 que, desde que êle fôse tirado, passariam 1290 anos. Isto nos leva a crer que o "contínuo", ou o paganismo, voltaria a fazer guerra ao papado, findo o período de 1290 anos, em 1798. Que a revolução francesa foi a volta do paganismo a ameaçar e destronar o papado, está fora de toda cogitação e dúvida. Assim a França pagã, catolicizada, salvou e exaltou o papado, em 508; e a França católica, paganizada, derribou o papado do trono temporal em 1798.

Os defensores da hipótese de que o "contínuo" representa a mediação de Cristo, devem provar, para justificá-la, que a referida mediação foi substituída pelo falso sistema católico de mediação, exatamente no ano 508. Como povo profético não podemos crer em idéias pessoais de homens, mas na revelação e certeza das profecias inspiradas e comprovadas pela história secular.



# E VANGELISMO

## A Base do Evangelismo Adventista do Sétimo Dia

J. L. SHULER

Yucaipa, Califórnia

**S**ÃO os adventistas do sétimo dia apenas inovadores, com idéias imaginárias e doutrinas pervertidas e errôneas? Muitos que pertencem a outras denominações infelizmente não compreendem devidamente o caráter verdadeiro do evangelismo adventista do sétimo dia. Pensam êles que os nossos ensinos datem de 1844. Também fazem alarde em tachar-nos de "legalistas", afirmando que os nossos ensinos invalidam a graça. Isso os leva à conclusão de que toda a nossa atividade de evangelismo não passa de proselitismo e "furto de ovelhas".

Ao enfrentarmos essa situação em nosso evangelismo, precisamos estudar o planejamento de nossa pregação de maneira tal que ajude a anular êsses conceitos errôneos e preparar o caminho para incrementar o aumento dos ouvintes da nossa mensagem e a sua mais vasta aceitação. A quem recorreremos em busca dessa guia necessária? Ela pode ser encontrada dentro da mensagem especial que Deus nos incumbiu de pregar.

O evangelismo adventista do sétimo dia muito tem em comum com o evangelismo das várias denominações evangélicas. Há certos aspectos do evangelismo adventista, porém, que o tornam diferente dos outros grupos religiosos. O característico distintivo do nosso evangelismo é a nossa missão de pregar a tríplice mensagem de Apocalipse 14.

"A mensagem de Apocalipse 14 é a mensagem que devemos levar ao mundo. É o pão da vida para êstes últimos dias." — *Test. Sel.*, Vol. V, pág. 120.

"A tríplice mensagem angélica precisa ser apresentada como sendo a única esperança de salvação de um mundo que está a perecer." — *Evangelism*, pág. 196.

"O tema de maior importância é a terceira mensagem angélica, que compreende as dos primeiro e segundo anjos." — *Ibidem*.

O evangelismo adventista com base nas três mensagens angélicas é a nossa carta magna de evangelismo. Devemos a nossa existência a essa profecia tríplice. Essa é a justificativa de serem os adventistas do sétimo dia um agrupamento religioso separado. Ela explica o verdadeiro motivo do nosso evangelismo. A nossa pregação — nossa obra — está cumprindo Apocalipse 14:6-12.

Visto que a tríplice mensagem é o distintivo básico do evangelismo adventista, surge naturalmente a pergunta: Que significa pregar a mensagem do terceiro anjo? Que compreende essa mensagem? Que relação mantém para com o evangelho?

A pregação da mensagem do terceiro anjo não se limita ao seu texto literal, usado pelos três anjos. Nem está limitada necessariamente aos itens específicos mencionados na tríplice mensagem. Inclui, porém, a apresentação de *todas* as mensagens salvadoras do evangelho.

É-nos dito em *Testimonies*, Vol. VI, pág. 11: "Uma grande obra há por fazer para apresentar aos homens as verdades salvadoras do evangelho. . . . Apresentar estas verdades é a obra da mensagem do terceiro anjo."

Também, a mensagem do terceiro anjo inclui mais do que pregar a Cristo e a Sua justiça, Sua cruz, Seu sangue, Sua graça, e Seu amor. Êsses itens são supremamente importantes, e precisam ser centrais e básicos em toda verdadeira pregação. Mas se a mensagem do terceiro anjo devesse ser limitada a êsses aspectos, então a mensagem do terceiro anjo teria sido entregue aos apóstolos bem como

a todos os verdadeiros ministros de tôdas as gerações, a partir de então. Não pode haver sido êsse o caso, porque a mensagem do terceiro anjo se aplica somente ao tempo do fim, entre o começo do juízo, em 1844, e a volta de Cristo, no último dia.

É significativo que a tríplice mensagem é apresentada como evangelho eterno, que deve ser pregado a tôdas as nações. João diz: "Vi outro anjo... tinha o evangelho eterno, para o proclamar... a tôda nação... dizendo...: Temei a Deus... porque vinda é a hora do Seu juízo" (Apoc. 14: 6 e 7). Isto esclarece bem que a tríplice mensagem é o *evangelho eterno no prisma da hora do juízo*.

Noé pregou o arrependimento e a justiça pela fé. Fizeram-no, também, João Batista, Jesus, os apóstolos, Lutero e Wesley. Cada um deles pregou no aspecto apropriado ao seu tempo. Assim estão os adventistas pregando o arrependimento e a justiça pela fé sob o prisma divinamente indicado para êstes últimos dias, conforme está especificado na mensagem dos três anjos.

### Os Objetivos da Nossa Pregação

Deus apontou em Sua Palavra quatro objetivos principais, que serão atingidos por meio da pregação da tríplice mensagem: <sup>1</sup> Conclamará um povo de tôda nação para guardar os mandamentos de Deus e exercer a fé de Jesus. <sup>2</sup> Restaurará a fé de Jesus entre o povo de Deus. <sup>3</sup> Ajuntará as ovelhas de Deus que andam espalhadas (Eze. 34: 11 e 12; Apoc. 18:4) e as congregará como Seu remanescente neste tempo final (Apoc. 12:17). <sup>4</sup> Preparará um povo para Sua segunda vinda, assim como a mensagem de João Batista preparou um povo para Deus, por ocasião do Seu primeiro advento. Êstes são os objetivos do evangelismo adventista, sob a tríplice mensagem.

Cristo e Sua justiça têm sido o coração e o centro de tôda revelação concedida por Deus. Assim, Cristo e Sua justiça são o centro e o coração da mensagem do terceiro anjo. Por isso se refere a irmã White à justificação pela fé como sendo "em verdade a mensagem do terceiro anjo" — (*Evangelism*, pág. 190).

A tríplice mensagem, como última mensagem de Deus, revelará a Cristo e a Sua justiça em grau mais amplo do que nunca dantes. Tratando da justiça pela fé, em relação com a terceira mensagem angélica, disse a Sra. White:

"Esta mensagem deveria apresentar com *maior destaque* perante o mundo, o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentada a justificação pela fé na Garantia; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifestava na *obediência a todos os mandamentos de Deus*. . . *Essa é a mensagem que Deus ordenou fôsse comunicada ao mundo. É a terceira mensagem angélica, que deve ser proclamada com grande voz, e secundada pelo derramamento do Espírito Santo em grande medida.*" — *Ibidem*, págs. 190 e 191 (Grifo nosso).

### Dai Ênfase a Esta Mensagem

Alguns evangelistas não mencionam em suas pregações a tríplice mensagem senão na última parte de sua série de conferências. Visto que a nossa tarefa é pregar o evangelho eterno sob o prisma das mensagens dos três anjos, e ser êsse o

distintivo característico do evangelismo adventista, por que não deveria essa mensagem ser apresentada no começo da série?

Convirá fazer das mensagens dos três anjos o fêcho do primeiro sermão ou de um dos primeiros da série, e mostrar sucintamente que essa é a mensagem que Deus designou para ser pregada neste tempo, como verdadeiro remédio para os males do mundo. Devemos mencionar que essa mensagem tríplice é alguma coisa que Deus quer que cada alma ouça, compreenda e siga; e que o propósito dessa série de reuniões é descobrir no próprio Livro de Deus, a significação dessa mensagem.

Então, em cada sermão que se seguir, a pouco e pouco, e passo a passo, devem ser apresentados a extensão, o designio, as ilações, a significação e o apêlo da tríplice mensagem. Temos salientado o aspecto de advertência da mensagem, mas deixado de apresentar suficientemente a face radiante da mensagem, como se destina a produzir o triunfo glorioso do evangelho, como se destina a iluminar o mundo com a glória de Deus, como produzirá uma revelação de Cristo e de Sua justiça em extensão mais ampla do que nunca dantes.

Alguns extremistas em religião têm buscado divorciar a obediência ao decálogo, da aceitação de Cristo e Sua graça. Por outro lado, o evangelismo adventista tem muitas vezes omitido a Cristo e a Sua justiça na apresentação da lei. Nossa tarefa é estabelecer o devido equilíbrio entre Cristo e a lei; a relação da graça, a cruz e o sangue, e a obediência aos mandamentos (Apoc. 14:12).

Os sermões de uma série de reuniões evangélicas devem ser mais do que uma lista de pregações sobre doutrinas variadas da Bíblia. Devem ser um desdobramento concatenado, progressivo, passo a passo da mensagem de Apocalipse 14. "Não é bom se fôr separado", deve ser uma das regras dos sermões evangélicos adventistas. Todos os temas usados desde o início até ao fim, devem estar entrelaçados com a mensagem especial de Deus. Quando isto fôr feito estaremos ajudando os ouvintes a sentir a "cunha" da mensagem desde o sermão inicial, e ao prosseguirem as reuniões essa "cunha" tornar-se-lhes-á mais e mais forte no coração, até que, jubilosos, se rendam a Deus em entrega completa, para guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

### Vantagens Dêste Plano

Esta tríplice mensagem é a fonte das nossas vantagens características no evangelismo, e devemos delas tirar o proveito máximo para atingir o público pelo prisma desta mensagem, que é o fundamento da nossa pregação. Devemos usá-la para reforçar os nossos apelos, assim como as barras de ferro reforçam o concreto armado. Algumas dessas vantagens são:

1. Quando a tríplice mensagem é apresentada em seu verdadeiro prisma, ajudará a eliminar os conceitos errôneos do evangelismo adventista, e capacitará os ouvintes para verem os ensinamentos adventistas em seu verdadeiro aspecto de centralização em Cristo.

Os ouvintes reconhecerão que não somos estravagantes em matéria de religião, que não acrescentamos ao evangelho novidades nem doutrinas errôneas, mas estamos pregando o verdadeiro evangelho de Cristo, como foi desde o princípio, na feição correta para esta era final. Serão levados a contemplar a fé adventista, não meramente com início

em 1844, mas como uma continuação para os nossos dias, da fé e religião originais que Jesus Cristo fundou quando esteve na Terra. Perceberão que não somos legalistas, mas que Cristo e Sua justiça são o centro de cada doutrina que ensinamos, e que a cruz, o sangue, a graça e o amor de Jesus permeiam todos os nossos ensinos. Reconhecerão que os adventistas têm todas as verdades do evangelho possuídas pelas demais igrejas, e mais uma luz especial para este tempo. Verão, assim, que lhes estamos oferecendo alguma coisa melhor do que o que podem achar em outra parte, e desejá-la-ão. Esse foi o meio empregado por Jesus para conquistar a samaritana. Devemos seguir-Lhe os métodos.

**2. Ajuda a erguer os adventistas acima dos limites estreitos do sectarismo, e dá-nos acesso amplo à mensagem divina, universal e interdenominacional.**

Os preconceitos denominacionais contra os adventistas e em favor de outra igreja, são uma das grandes barreiras que impedem de ouvir e investigar a presente mensagem. Apocalipse 14:6 mostra que esta tríplice mensagem é para todas as pessoas. Deus a dirige aos membros de todas as igrejas e religiões, e aos que não têm filiação religiosa alguma. Isso ajuda a relegar para segundo plano as rivalidades denominacionais e fornece-nos terreno claro e comum em que enfrentar as outras denominações. Possuidores duma mensagem de Deus para todas as pessoas, devemos transmitir a todos o auxílio da mensagem de origem celestial, e reunir as ovelhas de Jesus ao Seu remanescente.

**3. Ajuda a dar às nossas reuniões evangélicas valor e importância invulgares, bem como prioridade no campo do evangelismo.**

Nenhum outro povo está cuidando de pregar esta mensagem tríplice aos habitantes de cada nação. Isto diferencia imediatamente as nossas reuniões de qualquer reavivamento comum, ou de quaisquer outras reuniões evangélicas, e é, por si só, um fator atraente para garantir assistência regular. O povo busca hoje alguém que tenha uma mensagem celestial de esperança, certeza e segurança para esta hora turbada. Por meio do contato da mensagem, os ouvintes são levados a ver que não estamos ali apenas para discursar sobre uma variedade de assuntos extraídos da Bíblia, mas que a seqüência de pregações deverá, passo a passo, decerlar a mensagem de Apocalipse 14:6-12, que Deus designou para esta hora. Ao ver isto o povo, farão esforço especial para comparecer a cada apresentação da série de conferências e ouvi-las todas.

**4. Capacita-nos para tirar proveito das bases proféticas do nosso ensino e movimento.**

O povo está confundido quanto à significação e desenlace dos acontecimentos do nosso tempo. A resposta para as suas perguntas só pode ser encontrada nas mensagens proféticas. A apresentação da mensagem nesses assuntos despertará, formará e manterá o interesse.

**5. Ajudará os ouvintes a tomarem a decisão de se tornarem adventistas do sétimo dia, e, especialmente, fazerem essa decisão com maior presteza.**

Esta profecia das mensagens tríplices de Apocalipse 14:6-12 indica que, a partir da hora do juízo, em 1844, surgiria um movimento inspirado por Deus, pelo qual essa mensagem tríplice seria pregada a todas as nações. Assim, para determinar

que fé religiosa deve alguém adotar, só há realmente uma única pergunta a ser formulada: É a igreja adventista do sétimo dia esse movimento de origem divina, de Apocalipse 14:6-12? Tudo gira em torno desse ponto axial.

Com a introdução dessa mensagem tríplice na conclusão do sermão inicial da série, ou, melhor ainda, talvez, dedicando no início da série um sermão inteiro quanto ao lugar, posição e relação dessa profecia de Apocalipse 14:6-12 no plano evangélico divino, os 2.330 dias, a data de 1844 e o juízo poderão ser apresentados antes mesmo de a verdade do sábado haver sido introduzida. Assim poderão os ouvintes ser levados a ver por si mesmos, logo no início da série, que o movimento adventista é esse movimento ordenado por Deus, que deveria surgir no tempo do fim para consumação da obra do evangelho. Isso os ajuda a decidirem logo em nosso favor. Se esse movimento adventista é o cumprimento de Apocalipse 14:6-12, o único procedimento coerente para os que o vêem será unirem-se a êle. Apresenta base sã, sólida e satisfatória para essa decisão. Ao convencer-se o povo de que a pregação é a mensagem divina para este tempo, isso se torna um incentivo poderoso para a decisão imediata, favorável e permanente.

**6. Dá-nos a vantagem de fazer do assunto da filiação à igreja adventista, não apenas um assunto de unir-se a outra igreja, mas um assunto de aceitação pessoal da mensagem divina.**

Numa pergunta que fez aos principais e sacerdotes, referente a autoridade divina da mensagem de João Batista, Jesus revelou um dos mais potentes princípios da decisão. "O batismo de João de onde era? Do Céu, ou dos homens?" (S. Mat. 21:25). Reconheceram êles que, se admitissem que a mensagem de João era celestial, o único procedimento coerente que poderiam haver adotado seria aceitá-la.

Assim, ao apresentarmos os nossos ensinos como sendo uma mensagem vinda de Deus para êstes últimos dias, conforme está apresentada em toda a Bíblia, mas resumida em Apocalipse 14:6-12, convencer-se-á o povo de que o único procedimento sábio, o único caminho seguro, a única escolha acertada, é aceitar a mensagem divina e unir-se ao povo remanescente. Se planejarmos a pregação de forma tal que o povo seja convencido de que os ensinos constituem a última mensagem divina, que são divinamente genuínos e coerentes, que mais poderão fazer além de atender ao apêlo de Deus e sair de onde estão para unir-se ao remanescente de Deus?

Nosso evangelismo tem base mais ampla do que convidar os cristãos a abandonarem as outras igrejas e unirem-se aos adventistas. Precisamos apresentar a tríplice mensagem de maneira tal que a filiação à igreja adventista seja o resultado natural da aceitação pessoal da mensagem divina para este tempo. Ao fazermos-lhes ver que o convite divino da tríplice mensagem para este tempo é que "guardemos os mandamentos de Deus e a fé de Jesus", e que Deus convida a que se unam à igreja remanescente os que fazem essa decisão, então o convite de Deus os guiará à igreja adventista. Sua decisão de aceitar a mensagem divina inclui também a filiação à igreja remanescente de Deus. Assim, o nosso apêlo será para que o povo aceite a mensagem de Deus e atenda ao Seu convite.



# Pode Ser Feito!

ARTUR R. LICKEY

(Pastor-Evangelista, Associação de Nebraska)

**MUITOS** ministros estão pastoreando grandes distritos de três e quatro igrejas ou mais, com pouco ou nenhum auxílio da Associação, no sentido de coadjutores ou diretores de música, e com um programa cheio e consumidor de tempo. Há em seu coração a aspiração do evangelismo público, para atingir os perdidos e pregar de suas comunidades. Não obstante, ao pensarem nesse plano, muitas perguntas lhes surgem na mente. Como posso encontrar tempo? Como posso eu agir com tão reduzido orçamento para evangelismo? Que acontecerá às minhas igrejas se eu as abandonar para realizar reuniões?

## Como Posso Achar Tempo?

Como ministros precisamos *achar* tempo! Apesar da premência do programa de trabalho, precisamos planejar uma série de reuniões evangélicas e não deixar que coisa alguma nos impeça de realizá-las. Se permitirmos que os programas de rotina da igreja, por bons que sejam, nos tolham de maneira tal que sintamos não poder libertar-nos para pregar aos perdidos de nossas comunidades, estaremos deixando de realizar a tarefa que nos foi ordenada por Deus para fazer.

Muitos são os homens em tôdas as posições da vida que fracassaram em sua profissão porque avaliaram e tornaram a avaliar os obstáculos que poderiam surgir no caminho de uma realização de determinada tarefa, até que esses obstáculos os abateram de maneira tal que nada foi tentado nem aproveitado. Absolutamente nada deverá impedir os ministros de Deus de pregarem aos perdidos.

## Como Poderei Cuidar das Minhas Igrejas?

O evangelismo público num distrito exige organização mais atilada do trabalho do distrito e maior utilização do talento dos líderes leigos. O esforço evangélico tomará a maior parte do tempo do pastor distrital, tanto à noite como de dia. Sejam os anciãos locais encarregados das reuniões de oração. Entregue-se aos anciãos e aos diáconos a responsabilidade da visita periódica aos membros da igreja, depois de primeiramente organizar a igreja em grupos e determinar um trabalho definido para cada líder. Nosso povo crê no evangelismo público e, ao saber que o seu pastor está fazendo tudo quanto pode para ganhar os perdidos, não se queixará se lhes puser sobre os ombros maiores responsabilidades. *Muitas vezes um pastor se surpreenderá de como os problemas da igreja diminuem durante a execução dum plano de evangelismo. Algumas vezes poderá ser o único meio de remediar uma situação muito séria da igreja.*

## Meu Orçamento é Pequeno Demais

Se o orçamento é pequeno, digamos de mil ou dois mil cruzeiros — ou talvez nem haja orçamento — que poderemos fazer? Assim como o nosso bom povo dá para muitos e variados projetos da organização, atenderá da maneira mais liberal ao pedido de dinheiro para ser usado no evangelismo local.

Bom plano é comprometer cada membro a dar determinada importância — duzentos cruzeiros, cem, cinquenta, etc. Num culto de sábado, deverá ser pregado um sermão espiritual sobre a responsabilidade do povo de Deus para com as almas perdidas que os rodeiam, e então ser feito o apêlo de auxílio financeiro. Nosso povo apoiará com entusiasmo esse plano.

Devemos fazer fortes mas cuidadosos pedidos de ofertas cada noite de reunião. Apontai à congregação as necessidades, sugeri ofertas silenciosas e de agradecimento e, de quando em quando, usem-se envelopes impressos. O oferecimento dum brochura para todo ofertante de determinada importância posta num envelope, com espaço reservado para nome e endereço favorecerá o aumento das ofertas. As congregações atenderão aos pedidos de ofertas, caso as necessidades forem apresentadas com clareza, precisão e um sorriso. *A falta de fundos nunca nos deverá impedir de pregar!*

## Anunciar um Pequeno Esforço

O anúncio em jornais, naturalmente, é necessário. Em cidades pequenas, um oitavo ou um quarto de página podem ser conseguidos por pouco preço. Um meio de reduzir as despesas consiste em sugerir ao jornal o plano de usar para a propaganda avulsa a mesma composição usada no jornal. Se isso for conseguido, economizar-se-á o custo dum composição.

Para a primeira reunião, eu gosto de enviar pelo correio um impresso, em formato de postal, a todos os endereços rurais, além da distribuição de porta em porta, nas residências urbanas, feita pelos membros da igreja. Gosto de publicar em dois ou três jornais, com intervalos de alguns dias, um anúncio do começo das reuniões. Bom plano é levar ao jornal, com antecedência de algumas semanas, artigos de valor noticioso. Essas publicações grátis são excelente anúncio.

Depois de as reuniões haverem começado, e uma boa lista de nomes haver já sido formada, bom plano é enviar pelo correio, uma propaganda avulsa, cada semana, a esses nomes.

Cartazes para vitrinas são prontamente aceitos nas cidades pequenas. Seu custo pode ser reduzido se houver nêles um espaço reservado para colar novos títulos e datas. Assim, poderão ser usados muitas vezes.

Se for possível conseguir um anúncio pelo rádio, esse meio de propaganda é muito eficiente, também.

## Obter Nomes e Endereços

O uso dum livro de visitantes é um meio excelente de conseguir nomes e endereços. Na entrada do salão será pôsto um livro de visitantes, com um pequeno cartaz em que se lerão palavras tais como as seguintes: "Um marcador de página grátis enviado a todo visitante que fornecer nome e endereço". O êxito do livro de registo de visitantes depende grandemente a pessoa dêle encarregada. A melhor encarregada que o ministro pode ter é

a sua própria esposa. Ao entrarem os visitantes, ela os cumprimentará amavelmente e logo sugerirá que registem o nome e endereço para receberem, pelo correio o presente, de que exibirá um exemplar. Certificai-vos de que o livro de visitantes disponha de lugar bem assinalado para os endereços.

Também uso o cartão de literatura grátis, pelo menos todos os domingos. Ao pedir eu ao povo que assine o cartão que lhes dará direito a receber, pelo correio, folhetos grátis, referentes ao assunto abordado na conferência, gosto de estender esse convite a todos. Nossos próprios membros devem ser convidados a preencherem também os cartões de pedido de literatura, mas assinalaremos com um X à margem, para que o evangelista saiba tratar-se dum adventista. A grande quantidade dos que aceitam o cartão anima os estranhos a seguir-lhes o exemplo.

Em séries pequenas de conferências, com esforço diligente podereis relacionar-vos com muitas das pessoas que não assinam o nome no livro de registo nem preenchem cartões. Ao cumprimentá-los, perguntai-lhes o nome. Eles não se recusarão.

### Visitai, Visitai, Visitai

A visitação a essas pessoas é a fase mais importante da série de reuniões — e nada mais deverá impedi-lo! Se um homem não visita constantemente os que lhe frequentam as conferências, elas serão um fracasso. *A menos que planejeis visitar, não deveis sequer iniciar as reuniões.*

A fim de controlar o número de vezes que as pessoas frequentam as reuniões, o número de visitas que lhes forem feitas e os estudos dados, uso num classificador de três furos, folhas soltas em que mimeografo num lado todos os assuntos que apresento. Em seguida à coluna dos assuntos disponho quatro colunas mais, encabeçadas: Data, E, C, e D. Na coluna da data, anoto a presença da pessoa à conferência respectiva. A coluna "E" destina-se à marcação dos estudos dados em casa como recapitulação das conferências apresentadas. A coluna "C", usou-a eu quando percebo que o interessado creu a doutrina apresentada em estudo pessoal, e a "D", quando faz decisão de seguir a doutrina. Há na folha suficiente espaço para acréscimo de assuntos não programados na série. No verso da folha constam o nome, endereço, idade, religião, profissão, etc. Há ali, também, espaço suficiente para informações adicionais colhidas durante as visitas. Também, muito importante, é a seção destinada ao registo e data de todas as visitas feitas em domicílio.

A visitação poderá começar na primeira ou segunda semanas da série de conferências. A explicação para a primeira visita será o interesse de sabermos se a pessoa recebeu o que lhe foi enviado pelo correio (marca-página, folheto, etc.). Não entrar na casa, nessa primeira visita. Na segunda visita, dever-se-á aceitar o oferecimento feito para entrar, e começar-se-á a fazer perguntas, instruir e orar.

Irmãos, precisamos visitar, visitar, visitar — noite e dia! Eu prego três noites por semana, utilizando as demais para visitar as pessoas que não podem ser encontradas em casa noutra hora do dia.

Em geral, as nossas séries de conferências em cidades pequenas demoram de dez a doze semanas.

### Uma Classe Batismal?

Tenho programado séries de conferências com classe e sem ela, e verifiquei que é melhor recapitular a doutrina nas residências. Não costumo fixar dias para os estudos, mas aproveito as oportunidades das visitas e do conhecimento das necessidades pessoais em cada caso. As pessoas que ouvirem determinado assunto em conferência o mesmo pode ser recapitulado por meio de um estudo bíblico em sua própria casa. Os assuntos que não foram ouvidos em conferência deverão ser ensinados em casa. Nas cidades pequenas, muitas das pessoas interessadas residem em pontos distantes, o que lhes torna difícil reunirem-se em determinado lugar e hora para uma classe geral.

Sejamos pessoas que se utilizem do poder de Deus. Em todos os nossos planos de evangelismo, busquemos a guia de Deus. Tenhamos a certeza de que estamos pregando no lugar em que Deus quer que preguemos. Ao termos a certeza de que estamos onde Deus quer que estejamos, vem-nos um senso íntimo de confiança e certeza da vitória final. Se Deus fôr o dirigente, e prosseguirmos seguindo-O, como poderemos fracassar? Peçamos a Deus que nos abençoe a pregação, toque os corações famintos, guie-nos nas visitas que fazemos. Independentemente das dificuldades, lance-mo-nos à pregação! Isso pode ser feito!

## As Multidões das Metrôpoles

### A Sombra de Condenação Iminente

*Milhões nas Cidades Têm que Logo Tomar a Decisão.* — As trevas espirituais que cobrem a Terra toda acham-se intensificadas nos lugares de população densa. E nas cidades das nações onde o evangelista encontra a maior impenitência e a necessidade mais premente...

Apavorante é o registo dos crimes e da iniquidade, nas grandes cidades da Terra. A iniquidade dos ímpios é quase incompreensível. A vista do Céu muitas cidades se estão tornando verdadeiras Sodomas. O aumento da iniquidade é tal que multidões se aproximam rapidamente duma condição em que, em sua experiência pessoal, ficam de tal maneira que é muito difícil alcançá-las com o vivificante conhecimento da mensagem do terceiro anjo. O inimigo das almas está operando com maestria a fim de controlar a mente humana; e o que os servos de Deus fazem, no sentido de advertir e preparar os homens para o dia do juízo, deve ser feito com rapidez.

As condições com que se defrontam os obreiros cristãos, nas grandes cidades, constituem desafio solene para um incansável esforço em favor de milhões que vivem sob a sombra de condenação iminente. Os homens logo serão obrigados a tomar grandes decisões e devem ter a oportunidade de ouvir e compreender a verdade bíblica, a fim de que se decidam inteligentemente para o lado do bem. Deus está agora apelando aos Seus mensageiros, de modo positivo, para que advirtam as cidades, antes que o tempo da graça passe e enquanto multidões ainda se acham suscetíveis à transformadora influência das verdades da Bíblia. — *Evangelism*, págs. 25 e 26.



# MÚSICA

## A Música nas Séries de Conferências Pequenas

**EM** geral o pastor-evangelista tem que contar com o talento local, tanto para o diretor dos cânticos, como da música especial. Muitas de nossas igrejas possuem talento excelente que está ali adormecido. Precisa êle ser descoberto, animado e estimulado. Algumas vêzes os resultados nos surpreenderão.

Se tendes na vossa igreja um bom irmão leigo que demonstra possuir talento para diretor de cânticos, animai-o. Mostrai-lhe que êle será o vosso auxiliar. Aconselhai-o a vestir-se com asseio e ter boas maneiras. Dizei-lhe que deverá andar com os sapatos engraxados, a roupa bem passada a ferro e o cabelo bem penteado. Instruí-o a falar com clareza e distinção.

Na hora dos cânticos, deverá êle fazer mais do que simplesmente anunciar um hino após outro. Aconselhai-o a não falar demais, mas, por outro lado, animai-o a dizer uma frase ou duas para produzir maior animação em cada hino. Algumas vêzes um texto bíblico será muito proveitoso. Por exemplo, "Nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12), poderá ser lido em ligação com o hino N.º 200 do Hinário Adventista, "Minha Fé Bem Segura Está". O mesmo texto poderá ser usado precedendo um solo, dueto ou quarteto, do hino "A Fé de Nossos Pais", ou semelhante. Sempre poderá ser encontrado um passo bíblico para qualquer hino ou canto.

Se o membro leigo sabe marcar tempo, aconselhai-o a fazer movimentos delicados. Evite êle todo ridículo. Seja *êle* o líder, e não mero acompanhador. Nada mais ridículo há do que um diretor de canto amador a espera do acompanhador para começar a dirigir a congregação com o instrumento e, então, pôr-se a "bater no ar" a batuta.

Se não houver entre os membros da igreja nenhuma pessoa realmente capacitada para marcar o tempo, escolha-se para prostrar-se perante o público quem melhor o faça. Não fará êle o papel de diretor da música. Será quem dirige o breve serviço de canto anterior à pregação. O pastor-evangelista deve, juntamente com êle, escolher previamente os hinos a serem cantados. Por sua vez, êle deverá pôr-se de acôrdo anteriormente com o pianista, ou organista, quanto à marcação do tempo de cada hino. O acompanhador, então, dará início com o instrumento. O diretor simplesmente fará um gesto para todos começarem a cantar ao mesmo tempo. Seja breve o serviço de canto. Um período de quinze minutos é suficiente. Conquanto êsse dirigente não seja um maestro, deve êle, porém, ser capaz de marcar o tempo. Poderá dirigir um bom serviço de canto e apresentar música especial, com simplesmente ser um mestre de cerimônias jovial e correto.

O uso de projetar os hinos numa tela é inoportunamente útil, para o serviço do canto.

Se o pastor-evangelista atua como dirigente do serviço de canto, deverá êle poupar a voz cantando

em suave falsete, e não a plenos pulmões. Dessa maneira a bôca se abre para pronunciar as palavras, mas a voz é poupada. Nestes casos deverá o pastor-evangelista pedir ao acompanhador que toque com mais energia para não tornar-se notório que está poupando a voz. A postura ereta, porém mantendo a respiração normal, mas profunda, conservará a voz para o sermão.

### A Direção da Música Especial

Se possuis na igreja um talento com perspectiva de bom desenvolvimento, tomai tempo para ensiná-lo e estimulá-lo. Ou, talvez, vossa espôsa ou a organista possam fazê-lo. Sobretudo cuidai de que os cantores tenham boa dicção. Estudai com êles a significação ampla do solo, dueto, etc. Quando estudadas separadamente as palavras, como um poema, ao serem cantadas serão mais bem compreendidas.

Haverá trechos que devam ser cantados em ritmo mais acelerado, outros, com mais suavidade e, ainda outros, com mais vivacidade e até forte. Orientai os cantores nesse sentido. Em geral, os cantores evangélicos cantam devagar demais e negligentemente. Haja energia e vivacidade no canto. Os solistas, em geral, cantam devagar, ao passo que os quartetos têm a tendência de apressar o ritmo.

Os cantores evangélicos também têm o hábito de demorarem-se demasiadamente nas notas agudas, muito embora as palavras dessas notas não tenham a importância máxima. Vigiai essa falta. Se as notas mais agudas coincidirem com as palavras de de menos importância, convidai o cantor para não deter-se nelas. Talvez, com prejuízo da exibição da própria voz, deva êle dar mais efeito a notas mais graves, mas que recaiam sôbre palavras importantes, às quais deverá dar mais ênfase.

Muitos cantores, quando cantam, têm aparência solene demais ou muito triste. Tratai de que, ao cantarem, dêem à face a expressão correspondente às palavras que proferem. Alguns cantos são alegres, e outros, solenes.

Em geral, não deverão os cantores cantar mais que duas estrofes do hino. Há a tendência de que os hinos evangélicos, quando muito longos, se tornem cansativos para o auditório, a menos que haja uma boa interpretação. Pedi aos cantores que, dentre as estrofes, escolham as duas mais apropriadas, em vez de, por força do hábito, cantarem a primeira e a última.

Bons discos gramofônicos poderão ser um auxílio valioso numa série de conferências pequena. A própria música especial poderá ser apresentada nessa forma. Ela se tornará mais interessante se disserdes algumas palavras apropriadas acêrca do canto, antes de mencionardes o nome bem como o executante. Se, por exemplo, o disco fôr "A Santa Cidade", lereis Apoc. 21:1-5, e direis umas palavras que ajudem o público ouvinte a pensar na mensagem do canto. A escolha dêsses discos deverá recair sempre sôbre os religiosos, de preferência aos

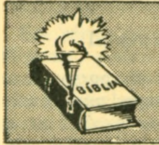
clássicos. Todo negociante do ramo ajudará a escolher os mais apropriados. Se a vossa igreja não possui órgão ou harmônio, discos de boas peças de órgãos poderão ser executados enquanto a congregação entra e se acomoda.

Talvez haja na vossa comunidade um cantor doutra igreja que se disponha a auxiliar-vos. Se essa pessoa fôr cristã genuína, podereis aceitar a sua ajuda. Deveis, porém, certificar-vos de que o cantor é pessoa convertida, e não quer cantar meramente para exhibir-se.

Entretanto, se tentastes tôdas as possibilidades e contudo não conseguistes cantores, e não vos dispuserdes a usar discos gramofônicos, não consintais em que essa circunstância vos impeça de rea-

lizar uma série de conferências. Podereis, sem música especial e sem cantores, dirigir uma ótima série de reuniões. Simplesmente cantai um hino inicial, juntamente com o auditório e, no momento oportuno apresentai o tema da reunião, pois o Senhor vos abençoará. Aconselhável, também, é apresentar o tema na forma de estudo bíblico em classe conjunta. Duma coisa podereis estar certos: Quer pregueis a mensagem ou a ensineis com simplicidade e amor às almas no coração, alguns haverá que a aceitarão. Isto é, sempre, uma recomendação satisfatória apesar da falta de equipamento e talento.

B. G.



# ESTUDOS BÍBLICOS

## Isaías 65:20

OTTO H. CHRISTENSEN

(Departamento de Línguas Bíblicas, Emmanuel Missionary College)

**FAZ** alguns anos, chegou-me às mãos uma suposta cópia francesa de Isaías 65:20 que, pretendia-se, esclarecia êsse texto difícil que, mesmo em nossos mais antigos manuscritos hebraicos é ininteligível. Nessa ocasião eu não pus em dúvida a autenticidade dessa tradução (deveria antes ser chamada interpretação). Desde então tive conhecimento de outras supostas traduções dêsse texto, e para os ministros adventistas, que se consideram homens do Livro e devem saber do que falam, não está fora de propósito uma advertência contra tais supostas traduções. Não importa para que língua um versículo da Escritura seja traduzido, vem êle das mesmas fontes, hebraica, aramaica ou grega. E qualquer tradução que difira dessas fontes, será apenas questão de interpretação pessoal, a menos que uma fonte superior e mais antiga possa ser encontrada.

O hebraico é a fonte de tôdas as traduções do Velho Testamento, porque essa é a língua em que foi escrito, com exceção de certas porções, em aramaico. Algumas vezes, traduções mais antigas do que a fonte hebraica, agora disponível, podem ser de grande valor, se investigadas e usadas com grande cuidado. Neste versículo, o texto hebraico, bem como as quatro edições em siro-persita de que dispomos, de origem provável no segundo século A.D., de conformidade com a melhor informação erudita, mas que sofreram uma série de revisões, não servem de auxílio. Seria de desejar que o descobrimento extraordinário dos manuscritos do Mar Morto, em 1947, que incluíram uma cópia completa do livro de Isaías, nos fornecesse algum esclarecimento dêsse texto. De conformidade com os melhores peritos, foi êle escrito por volta do ano 100 A.C., sendo por conseguinte, cerca de 1.000 anos mais velho que o mais antigo manuscrito hebraico do Velho Testamento. Mas, por comparação,

verificou-se ser idêntico ao nosso texto hebraico impresso, de que o nosso Velho Testamento em português é uma tradução. Assim, qualquer tradução que nêles se baseie e difira do nosso atual texto português, por mais esclarecedor que possa ser, não passa de interpretação. Como ministros, devemos estar precavidos nesse sentido.

### A Versão Siro-Hexaplos

Existe, porém, algum esclarecimento sôbre êsse texto, na versão siro-hexaplos, oriunda do hebraico antigo. O texto siro-hexaplos é uma tradução fiel para o siríaco, do bispo Paulo, de Tella, na Mesopotâmia, em 617-618 A.D. da 5ª. coluna dos Hexaplos de Orígenes. O bispo Paulo também copiou com grande cuidado os símbolos e comentários de Orígenes. Grande porção do trabalho do bispo Paulo, contendo os profetas e a maioria dos Hagiógrafos, e escrito no século VIII A.D., encontra-se agora na Biblioteca Ambrosiana de Milão, Itália. Foi fotolitografado por Ceriani, em 1874, e uma cópia está ao alcance dos estudiosos na biblioteca da Universidade de Chicago. O manuscrito original de Orígenes foi usado pelo bispo Paulo, em Cesaréia, onde fôra guardado e onde Jerônimo o consultou quando da confecção da Vulgata Latina. Foi, provavelmente, destruído pelos sarracenos em princípios do século VII, logo depois da tradução do bispo Paulo da V coluna de Orígenes, para o siríaco.

Segundo Ira Maurício Price, Orígenes foi o "maior perito bíblico dos primeiros séculos."—The Ancestry of Our English Bible (Harper and Brothers, Nova York, 1949), pág. 74. Orígenes dispôs e usou, em seu tempo, além do Velho Testamento em hebraico, a Septuaginta e as três versões gregas de Aquila, Símaco e Teodósio. Em sua

pesquisa, queixou-se ele de que cada manuscrito continha textos diversos dos demais; concebendo, assim, a idéia de compará-los e dêles extrair o melhor manuscrito ou versão possível. Ao fazer isso, planejou os Hexaplos em seis colunas, a saber: (1) o texto hebraico; (2) a transliteração do hebraico por letras gregas; (3) a versão de Áquila; (4) a versão de Simaco; (5) a Septuaginta revisada por ele próprio; e (6) a versão de Teodósio.

Esse trabalho lhe tomou vinte e oito anos. O seu propósito com sua própria coluna não foi restaurar o texto da Septuaginta mas corrigi-lo e representar devidamente o original hebraico. A 5ª. coluna, da sua revisão era a mais importante das seis. Em sua revisão, onde os manuscritos divergiam, escolheu ele a melhor tradução que pôde conseguir dos originais hebraicos. Onde as palavras no hebraico não constavam na Septuaginta inseriu ele por asterisco, a tradução que encontrara numa das outras três versões, e preferentemente a de Teodósio. Onde um passo era encontrado na Septuaginta sem equivalente no hebraico, marcou-o ele com uma cruz. Assim, usou como base para a sua coluna, o hebraico do seu tempo, isto é, o texto hebraico da primeira metade do terceiro século.

No presente, a nossa fonte principal para o texto da 5ª. coluna dos Hexaplos de Orígenes é a Siro-Hexaplos, visto que os Hexaplos de Orígenes já há muito desapareceram e só porções têm sido descobertas. Esse exemplar existente da Siro-Hexaplos dista apenas 150 anos do seu original, e reduz, assim, muito materialmente qualquer possibilidade de erro de cópia. Na parte que o bispo Paulo usou do manuscrito original de Orígenes, existente ainda em Cesaréia naquele tempo, remete nos à fonte hebraica usada por Orígenes nalgum tempo não distante do ano 240 A.D., visto que a Hexaplos foi completada nesse ano.

### “Será” em Lugar de “Morrerá”

No texto de Isaías 65:20, tôda dificuldade será inteiramente eliminada se, no início da última parte do versículo, a expressão “morrerá” fôr substituída por “será”, e aquêle que alcançar “cem anos” se torna o sujeito — o que é perfeitamente permissível na linguagem semítica. Isso é exatamente o que faz a Siro-Hexaplos, e evidentemente é o que se encontra na 5ª. coluna dos Hexaplos de Orígenes. Assim, temos na Siro-Hexapla *nehewah* (no hebraico, *yiheweh*), “será”, em lugar de *nemuth* “morrerá” (no hebraico, *yamuth*), e, na última cláusula do versículo, temos a palavra adicional *demareth* (no hebraico, *asher meth*), “que morrer”, que foi omitido noutros textos, indicando confusão dum copista na localização dessa palavra “morrer.”

Evidentemente, Orígenes possuía um antigo manuscrito hebraico, ou a Septuaginta, ou um exemplar dum manuscrito antigo que não continha êsse erro. Êsse cochilo de cópia teria sido muito fácil no hebraico antigo, antes do uso dos caracteres retangulares, como pode ser observado pelo formato das letras no pergaminho de Isaías, do Mar Morto. Por um pequeno descuido de escrita, “será” pode ser facilmente confundido com “morrerá”. Havendo isso sido feito, o passo seguinte seria omitir da última coluna “que morre”, já escrito, e evitar uma antítese. Em resultado, o texto foi deixado com um pensamento confuso. Essas correções, tal como aparecem na Siro-Hexaplos fazem o versículo concordar de maneira correta com

o contexto e esclarece, o significado. Traduzido da Siro-Hexaplos, o versículo literalmente reza:

“Nem haverá quem morra na sua juventude, nem velho que não cumpra os seus dias; porque um filho de cem anos será uma criança, mas o pecador que morrer, filho de cem anos, será amaldiçoado”. Com isto, a nossa atual Septuaginta concorda na parte essencial, e nós teríamos desejado que o manuscrito de Isaías do Mar Morto, que, segundo os peritos, data do ano 100 A.C., houvesse corrigido êsse texto. Entretanto, o Velho Testamento original da Septuaginta foi traduzido aproximadamente entre os anos 285 e 100 A.C., e Isaías, não foi, por certo, o último livro a ser traduzido. Sem dúvida andaríamos acertados ao fixarmos o ano 200 A.C., como data provável da tradução de Isaías para o grego. Em todo caso, poderia ter sido traduzido de texto anterior à data do manuscrito de Isaías, do Mar Morto. Além disso, sabemos que Orígenes teve acesso à Septuaginta do seu tempo, bem como a alguns textos hebraicos mais antigos. Se o texto dos Hexaplos não houvesse aparecido no hebraico a que ele teve acesso, deve ter sido os manuscritos da Septuaginta de que dispôs, cuja fonte era evidentemente mais antiga do que os pergaminhos do Mar Morto, ou outros, cuja origem é anterior à em que o escriba cometeu o erro que tornou ininteligível êsse passo.

Assim, o texto Siro-Hexaplos, traduzido diretamente da coluna dos Hexaplos, de Orígenes, pode ter uma autoridade mais antiga do que o texto dos pergaminhos de Isaías, e, com essa base, êsse texto seria digno de consideração. Pelo menos tem algum apoio em manuscritos antigos, e a circunstância de concordar com o contexto, é um grande peso em seu favor e em favor destas conclusões.

## Conforto Para os que Têm Muitas Cargas

MARGARET REEVES

(Instrutora Bíblica, Associação de Manitoba—Saskatchewan)

[Nota da Redação. — Êstes tempos difíceis apresentam para o instrutor bíblico problemas que exigem o toque pastoral simpatizante, bem como capacidade de ensino doutrinário. Para que a mensagem seja aceita, os fardos e preocupações precisam ser suavizados. A Sra. Reeves, esposa de Clifford A. Reeves, é instrutora bíblica competente e devota muito tempo à profissão. Seu esboço bíblico tanto é edificante quanto oportuno. — L. C. K.]

### I. O ASPECTO EXTERNO

“Levai as cargas uns dos outros” (Gál. 6:2).

#### A. Cargas de aflição.

1. Deus Se compadece como um pai (Sal. 103:13-18).
2. Conforto na esperança da ressurreição (I Tess. 4:13-18).
3. O próprio Deus removerá todo traço de tristeza (Apoc. 21:4).

#### B. Fardos de doença e infortúnio.

1. Esperança para os cegos, mudos e inválidos (Isa. 35:5 e 6).
2. O Criador do Universo conhece cada pormenor da nossa vida (Isa. 40:28-31).
  - a. Até a morte dum passarinho é notada (S. Luc. 12:6).

- b. Nossos cabelos são contados (S. Luc. 12:7).
- c. Conhecido é o lugar onde moramos (Sal. 87:4-6).
- d. Conhecidos são até a rua em que moramos, e o que fazemos (Atos 9:11).

## II. O ASPECTO INTERNO

Cada qual levará a sua própria carga (Gál. 6:5).

O propósito e o valor das provações.

- 1. As provações são necessárias para aperfeiçoar-nos (Jó 23:10; I S. Ped. 5:10).
- 2. O Senhor castiga a quem ama (Heb. 12:6).
- 3. A privação traz resultado precioso (Heb. 12:10; II Cor. 4:17).
- 4. As provações são permitidas para que possamos confortar outros (II Cor. 1:4).
- 5. A graça divina é suficiente para cada prova (II Cor. 12:9).

## III. O ASPECTO ELEVADO

"Lança o teu cuidado sôbre o Senhor" (Sal. 55:22).

- 1. Lança tuas cargas de ansiedade sôbre Deus (Fil. 4:6; Sal. 46).
- 2. Lança tua carga de pecado sôbre Deus (Sal. 38:4, 15 e 18).
- 3. A relação do crente para com Deus, nas tribulações.
  - a. Devemos *amá-Lo*; então tôdas as coisas cooperam para o bem (Rom. 8:28).
  - b. Precisamos *submeter-nos* humildemente à Sua vontade (S. Luc. 22:42).
  - c. Devemos *confiar* em Deus quando não pudermos compreender a Sua guia (Jó 13:15; Sal. 37:5).
- 4. A bendita providência do Divino Sofredor (I S. Ped. 5:7).

## Decisão em Prol de Cristo, Agora

THELMA A. SMITH

(Instrutora Bíblica, União das Ilhas do Sul da China)

TEXTO: "Até quando coxeareis?" (I Reis 18:21).

### I. O PROBLEMA DUMA LUTA

- 1. "O homem de coração dobre é inconstante" (S. Tia. 1:8).
- 2. "Ninguém pode servir a dois senhores" (S. Mat. 6:24).

### II. A RESPONSABILIDADE DE POSSUIR A LUZ

- 1. A vereda dos justos é como a luz (Prov. 4:18).
- 2. A luz rejeitada transforma-se em trevas (S. João 12:35 e 36).
- 3. Esperamos a luz, mas andamos em trevas (Isa. 59:9).
- 4. A luz rejeitada abre o caminho para o engano (S. João 3:19-21; II Tess. 2:10-12).

### III. A IMPORTÂNCIA DA PRONTA OBEIÊNCIA

- 1. Se pecamos voluntariamente, não há mais sacrifício (Heb. 10:26 e 27).

- 2. A desobediência torna a oração uma abominação (Prov. 28:9).

## IV. A ACEITAÇÃO DA VERDADE PRESENTE

- 1. "Consagrai-vos hoje ao Senhor" (Êxo. 32:29).
- 2. "Convertei-vos agora" (Jer. 25:5).
- 3. "Se voltares, ó Israel..." (Jer. 4:1).
- 4. "Ouvi... hoje a Sua voz" (Heb. 3:7, 8 e 13).

## V. A INCERTEZA DO FUTURO

- 1. Não sabemos o que acontecerá amanhã (S. Tia. 4:13-17).
- 2. Os mortos não têm esperança na verdade (Isa. 38:18).
- 3. "Buscai ao Senhor enquanto Se pode achar" (Isa. 55:6).

## VI. APÊLO: "Escolhei hoje" (Jos. 24:15).

## Os Três Aparecimentos de Cristo

(Hebreus 9:24-28)

- 1. Aparece uma vez (V. 26) — Propiciação.
- 2. Aparece agora (V. 24) — A Intercessão.
- 3. Aparecerá (V. 28) — Advento.

John Ritchie, em 500 Bible Subjects

## Ilustrações

(Continuação da página 2)

Somos geração do Seu amor; pois se Êle nos não houvesse amado, por que nos haveria de criar? Aquêles a quem Êle uma vez ama, ama-os sempre. Por conseguinte, por que temermos a morte? São Paulo estava "certo de que, nem a morte, nem a vida",... nos poderia "separar do amor de Deus". — Rev. LESTER GATCH.

### O Salmo 23 dos Marítimos

UMA versão dos marítimos, do Salmo 23, foi publicada no Boletim do Capelão da Armada, em Washington. Sua autoria é atribuída a J. Rogers, comandante da marinha mercante, que o teria escrito durante a Segunda Grande Guerra. Resa êle: "O Senhor é o meu piloto: eu não descairei. Êle me alumia em meio a águas escuras; conduz-me a canais profundos; guia o meu barco. Orienta-me pela estrêla da santidade por amor do Seu nome. Ainda que eu navegasse por entre as trovoadas e tempestades da vida, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo. O Teu amor e o Teu cuidado me abrigam. Preparas um pôrto perante mim na Terra da eternidade; unges as ondas com óleo; o meu barco desliza suavemente. Certamente que a luz do Sol e das estrêlas me favorecerão todos os dias da minha viagem, e descansarei no pôrto do meu Deus para sempre". — *Religious News Service*.

### Retificação

EM nossa edição de Março-Abril, atribuímos ao Pastor Daniel Hammerly Dupuy o cargo de Pastor da Associação Bonairense, quando em realidade é Pastor-evangelista da União Austral. Desculpai-nos.

O MINISTÉRIO ADVENTISTA